



ARTETERAPIA Cores da Vida

Ano 5 - Volume 9 - Número 9 - Julho – Dezembro - 2009

Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida

ISSN: 1809-2934

Disponível em: <http://www.brasilcentralArteterapia.org>

- Associação Brasil Central de Arteterapia -

SUMÁRIO

EDITORIAL

- | | |
|--|-----------|
| A Arteterapia abrange muitos aspectos... | 02 |
| <i>Ana Cláudia Afonso Valladares (GO-Brasil)</i> | |

ARTIGO ESPECIAL

- | | |
|--|-----------|
| 1 - Processando feridas coletivas, tecendo pontes entre gerações: uma experiência de Arteterapia no Chile | 03 |
| <i>Selma Ciornai & Pamela Reyes, Colaboração de Daniela Gloger e Bea Guzman (SP-Brasil e Chile)</i> | |

ARTIGOS ORIGINAIS

- | | |
|---|-----------|
| 2 - A fotografia como recurso terapêutico | 16 |
| <i>Marisa Lurdes Beck; Mara Evanisa Weinreb & Raquel M. Rossi Wosiack (RS-Brasil)</i> | |
| 3 - Arteterapia empresarial: trabalhando equipes competitivas | 22 |
| <i>Sonia Branco (RJ-Brasil)</i> | |

ARTIGO DE REVISÃO

- | | |
|--|-----------|
| 4 - A anima e o imago dei- um olhar junguiano sobre a expressão simbólica de Ismael Nery | 29 |
| <i>Alcimar Veiga Lima de Melo; Ana Carolina Falcone Garcia & Tatiana Fecchio Gonçalves (SP-Brasil)</i> | |

ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

- | | |
|---|-----------|
| 5 – Bibliografia atualizada de Arteterapia no Brasil | 36 |
| <i>Ana Cláudia Afonso Valladares (GO-Brasil)</i> | |

EDITORIAL

A ARTETERAPIA ABRANGE MUITOS ASPECTOS...

Esse volume mostra um trabalho com rica experiência coletiva internacional aplicada a com um grupo de estudantes de Arteterapia no Chile. Outro estudo apresenta um relato de atividades desenvolvidas com um grupo de terceira idade abordando a fotografia como recurso expressivo em Arteterapia e como instrumento de transformação social. Também traz um trabalho que demonstrou a eficácia e os recursos facilitadores da Arteterapia em empresa. O volume abrange um artigo de revisão, que confrontou as obras de Ismael Nery com as teorias de Jung. Ademais exhibe um artigo de atualização, no qual procura atualizar os leitores quanto à publicação sobre Arteterapia no Brasil.

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares

Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida

Art Therapy covers many aspects ...

This volume shows a rich collective experience working with internationally applied to a group of students from Art Therapy in Chile. Another study presents an account of activities undertaken with a group of seniors approaching photography as an expressive resource on art therapy and as an instrument of social transformation. It also delivers a work that demonstrated the efficacy and facilitators of Art Therapy in the company. The volume includes a review article, which confronted the works of Ismael Nery with the theories of Jung. Also displays an update paper, which seeks to update readers about the publication on art therapy in Brazil.

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares

Coordinator of Board Members of Editorial of the Scientific Magazine Arteterapia Cores of the Life

El Arteterapia abarca muchos aspectos ...

Ese volumen muestra una rica experiencia de trabajo colectivo internacional que se aplicó a un grupo de estudiantes de Arteterapia en Chile. Otro estudio presenta una relación de actividades llevadas a cabo con un grupo de ancianos acerca de la fotografía como recurso expresivo en el Arteterapia y como instrumento de transformación social. También ofrece una obra que demuestra la eficacia y facilitadores del Arteterapia en la empresa. El volumen incluye un artículo de revisión, que enfrentó a la obra de Ismael Nery con las teorías de Jung. También muestra un documento de actualización, que tiene por objetivo actualizar a los lectores sobre la publicación en Arteterapia en Brasil.

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares

Coordenadora del Consejo Editorial de la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida

Nota

As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos Editores e ou Conselho Editorial.

ARTIGO ESPECIAL

1 – PROCESSANDO FERIDAS COLETIVAS, TECENDO PONTES ENTRE GERAÇÕES: UMA EXPERIÊNCIA DE ARTETERAPIA NO CHILE¹

Selma Ciornai²

Pamela Reyes³

Colaboração de **Daniela Gloger** e **Bea Guzman⁴**

Resumo: Este trabalho apresenta uma experiência grupal com 40 participantes de um grupo de estudos e formação em Arteterapia, realizado na Universidade do Chile em setembro de 2006. O grupo, constituído por profissionais das áreas de saúde, educação e artes visuais, seria introduzido ao final do programa às aplicações em contextos grupais, sociais e comunitários da Arteterapia de orientação gestáltica. Porém, dado a sincronicidade histórica e temporal do curso estar se realizando em Santiago, justo às vésperas de 11 de setembro de 2006, convidamos os estudantes a compartilhar recordações, memórias e sentimentos do momento histórico determinado pelo golpe militar de 1973, através da criação e da arte. A experiência grupal refletiu a enorme cisão existente no Chile contemporâneo entre os diversos grupos sociais e etários, assim como as contribuições que a arte, a atuação simbólica e a metodologia gestáltica de trabalho com grupos podem trazer à convivência social e à co-criação de memórias compartilhadas, possibilitando a comunicação de experiências, e a expressão e transformação de feridas pessoais e coletivas em vivências curadoras para a alma grupal.

Palavras-chave: Arteterapia; Trabalho comunitário; Gestalt-terapia; Memória coletiva; Transformação social.

Processing collective wounds, weaving bridges between generations: an experience of art therapy in Chile

Abstract: This paper presents a group experience with 40 participants from an art therapy study and training group, conducted at Chile's University in September 2006. The group was formed by professionals who worked in the health, education and visual arts areas. They were to be introduced to the applications of gestalt oriented art therapy in social and communitarian contexts. However, as this class was about to be held in Santiago, a historical and temporal synchronicity happened. This class occurred on the eve of the anniversary of the Chilean military coup that happened on September 11, 1973. Students were then invited to share memories and emotions of that time through different forms of art. The group experience reflected the huge division still existing among several social and age groups in contemporary Chile. But, it also shows the contributions that art, symbolic expression and the Gestalt methodology of working with groups can be brought to social life, and the co-creation of shared memories. This allows the communication of experiences, the expression and transformation of individual and collective wounds in healing experiences for the group's soul.

Key words: Art therapy; Communitarian work; Gestalt therapy; Collective memory; Social transformation.

Procesando heridas colectivas, tejiendo puentes entre generaciones: una experiencia de Arteterapia en Chile

¹ Artigo traduzido e extraído da Revista "Arteterapia - Papeles de arteterapia y educación artísticas para la inclusión social", Vol 3/2008, pg. 51-66, ISSN:1886/6190. Uma publicação da Universidad Complutense de Madrid

² **Selma Ciornai** é Psicóloga, Gestalt terapeuta, Doutora em Psicologia Clínica (EUA, validação USP) e Mestre em Arteterapia (EUA). Membro credenciado (ATR) da Ass. Amer. de Arteterapia e membro honorário da UBAAT. Fundadora, coordenadora acadêmica e docente do Deptº de Arteterapia do Inst.Sedes Sapientiae, SP, do curso de Arteterapia do Inst. da Família, POA e do Instituto Gestalt de SP. Psicoterapeuta e especialista nas aplicações da arteterapia em contextos de saúde, vive e trabalha em São Paulo. E-mail: sciornai@terra.com.br

³ **Pamela Reyes** é Psicóloga e Mestre em Arteterapia pela Universidade de Barcelona, Espanha com estudos de pós graduação em História e Teoria da arte, Psicodrama e Criatividade. Assessora, psicóloga clínico-comunitária e arteterapeuta em diversos serviços de saúde e atenção à saúde mental na área pública. Coordenadora acadêmica da Pós graduação Especialização em Arteterapia da Universidade do Chile. Docente das universidades Academia de Humanismo Cristiano e Andrés Bello. Vive e trabalha em Santiago, Chile. E-mail: artepamela@yahoo.com

Resumen: Este trabajo presenta una experiencia grupal con 40 participantes de un grupo de estudios y formación en Arteterapia, realizado en la Universidad de Chile en septiembre del 2006. El grupo constituido por profesionales de la salud, la educación y las artes visuales se introducen en las aplicaciones grupales, sociales y comunitarias de la terapia de arte de orientación gestáltica. Poniendo como punto de inicio el contexto histórico y temporal del curso realizado el mismo 11 de septiembre de 2006 se invita a los estudiantes a compartir recuerdos, memorias y afectos de una época, un momento histórico determinado por el golpe militar de 1973, a través de la creación y el arte. La experiencia grupal da cuenta de la enorme escisión entre diversos grupos sociales y etéreos existente en el Chile contemporáneo, así como también presenta las contribuciones que el arte, la actuación simbólica y la metodología gestáltica de trabajo con grupos tienen en la convivencia social y la co-creación de memorias compartidas, ayudando a comunicar experiencias, y a expresar y transmutar heridas personales y colectivas en vivencias sanadoras para el alma grupal.

Palabras clave: Arteterapia; Trabajo comunitario; Gestalt terapia; Memoria colectiva; Transformación social.

I. Chegando a Santiago: primeiras impressões

Em Setembro de 2006, a convite de Pamela Reyes, coordenadora do curso de Especialização em Arteterapia da Univ. do Chile, fui ao Chile pela primeira vez para dar um curso intensivo de Arteterapia. No que o avião percorria o caminho de São Paulo a Santiago, lembranças dos fatos políticos que ocorreram nos anos 60, 70, quando tanto Chile como Brasil viveram períodos sombrios, começaram a voltar à minha memória.

Chegando a Santiago deslumbrei-me ao descobrir a cordilheira nevada que majestosamente abraça a cidade de quase todos os ângulos— e que para mim, que venho de um país onde não há neve, era realmente uma paisagem de um fascínio e de uma magia incrível. Mas Santiago tinha um céu pesado e escurecido. Daniela, que me acompanhava explicou-me que era poluição. Mas o que senti foi que era algo além disso, que havia algo pesado na alma daquela cidade, como se fosse um lugar carregado de histórias de dor e de feridas que ainda não haviam sido curadas. Compartilhei com Pamela, Daniela e algumas outras pessoas da minha geração esta impressão, todos concordavam mas diziam que sobre isso quase não se falava no Chile.



Fig. 1 – Vista da cordilheira nevada de Santiago-Chile

Dos contatos estabelecidos durante e depois dos encontros neste curso, surgia a percepção de um povo cindido: os que viveram aquele período ainda divididos por partidarismos, sentindo que quem não o viveu não poderia entendê-los, e os mais jovens, os que não participaram, sem querer saber muito, sem querer olhar para trás, como se um abismo estivesse separando gerações, passado e presente. Estas impressões perduraram por todos os dias em que lá estive.

II. O grupo

Era um grupo de uns 40-60 profissionais, composto de professores e alunos do curso de formação, arteterapeutas graduados e profissionais de áreas afins. Pessoas de diversas idades, alguns com experiência de trabalho em comunidades como médicos, psicólogos, assistentes sociais e arte educadores. Um grupo muito simpático. Porém, lembro que minha impressão ao dar a aula inicial sobre a História da Arteterapia foi a de perceber ser um grupo muito receptivo, porém, um tanto contido, com poucas perguntas e poucas intervenções. Conversando com Pámela sobre isso, ela colocou que isto tinha a ver com dois fatores, um, que por característica geográfica o Chile está ilhado do resto do continente, entre o mar e as cordilheiras, o que faz com que os chilenos

sejam mais introvertidos por natureza. E segundo, com a herança viva dos anos sombrios na alma dos chilenos. Assim, fui me familiarizando com o grupo de Arteterapia com o qual iria conviver nos dias subseqüentes, e ao mesmo tempo, sensibilizando-me ao perceber estar em um país com feridas ainda recentes e abertas (*Selma*).



Fig. 2 - Foto do grupo todo trabalhando com esculturas

III. “Arteterapia no contexto comunitário”: elegendo um tema para o trabalho

O curso durou cinco dias, e o último tinha como tema “Arteterapia no Contexto Grupal e Comunitário”. Coincidentemente era justo dia 10 de Setembro - véspera do aniversário do fim do governo de Allende em 73, início dos 20 anos em que o Chile foi governado pela junta militar liderada por Pinochet, e Santiago estava “cheio” de cartazes convidando a população para as manifestações do dia seguinte.

Percebendo através destas manifestações um povo ainda cindido e temeroso, me ocorreu que devido ao tema desta última aula, nada seria mais pertinente do que trabalhar no curso justamente esta questão compartilhada pelos chilenos, implementando um espaço que permitisse desvelar as memórias e sentimentos que esta data e este período traziam a cada um, processando estas feridas, memórias e sentimentos comunitariamente a través da Arteterapia.

Tudo o que eu tinha sentido e percebido desde que chegara me levava a propor este trabalho ao grupo. E considerando as potencialidades de comunicação não-verbal e simbólica da Arteterapia, me pareceu que este poderia ser um caminho sintônico e sensível ao momento que estava sendo vivido pelos participantes.

Perguntei a Daniela e Pamela o que achavam da idéia, convidando-as a coordenar uma vivência sobre este tema comigo. Eu me sentia pisando em terreno muito delicado, e sentia necessidade da presença e colaboração delas, que eram chilenas, haviam vivido todo este processo e conheciam de dentro a alma do povo. A resposta foi de excitação e entusiasmo frente à possibilidade de processar através de dinâmicas grupais em Arteterapia algo que ainda não havia sido processado, mas ao mesmo tempo, também de um pouco de cautela e dúvidas por achar que este tema talvez ainda fosse meio tabu, difícil de abordar coletivamente, ao qual o grupo talvez não fosse receptivo. Assim nos perguntávamos:

Seria esta uma boa idéia?

Seria este um tema ainda muito delicado para abordar em um grupo amplo?

Estariam os participantes disponíveis e receptivos a trabalhar com este tema?

Estaríamos pisando em terreno muito arriscado?

Estabelecemos então que não seria algo imposto, mas que iríamos consultar primeiro o grupo se estariam de acordo em trabalhar este tema.

Combinamos que elas buscariam discos com músicas e cantos da época para compor um fundo musical, e que à noite Pamela montaria no *Power Point* uma seleção de fotos e imagens para usarmos como aquecimento grupal (*Selma*).

IV. Memória pessoal e memória coletiva

No final do curso, considerando que o final do *workshop* cairia justo na véspera do dia 11 de setembro, Selma propôs trabalhar com a história recente do Chile como tema da aula sobre aplicações da Arteterapia no

âmbito social e comunitário. Diante de seu convite a trabalhar o tema através do compartilhar de nossas memórias coletivas sobre este período, uma estranha sensação me percorreu as veias. Emocionou-me a idéia de contribuir desde a Arteterapia para o encontro e a elaboração da diversidade de experiências presentes neste país.

Assim que ao trabalhar à noite na montagem de uma seleção de músicas e imagens dos anos 70 de meu país, entrava em minhas próprias memórias...

A memória é pessoal, mas a memória coletiva não é uma soma de memórias pessoais, mas a construção de uma memória comum, construída a partir da possibilidade de compartilhar e expressar nossas vivências pessoais e sentir que somos escutados e respeitados sem sermos destruídos pelos outros por pensar distinto. E isso para mim era a maior contribuição desta proposta de trabalho que Selma nos fazia: quando estremei com a proposta creio que foi porque senti "Por fim! Finalmente uma oportunidade para compartilhar, para dizer ao outro: não estive ao teu lado naqueles tempos difíceis, mas acredite que posso entender a profundidade do que sentes, e te respeito".....

Segundo conceitos provindos do mundo da sociologia e da psicologia social que vinculam a memória com processos interrelacionais – entre as pessoas - e, entendida a memória não como um processo passivo, mas sim ativo, isto é, um processo dinâmico e conflitivo fortemente vinculado a cenários sociais e comunicativos, é que podemos entender que a memória de cada pessoa tanto modifica-se na relação como transforma as relações. Neste sentido, quando fazemos memória, através do nosso discurso apoiamos, reproduzimos, estendemos, engendramos, alteramos e transformamos nossas relações⁵. Esta experiência grupal pode então ser entendida também como uma proposta que aborda a problemática da reparação desde o ponto de vista social, colocando a atividade plástica e os processos criadores dela derivados como intermediários relacionais em um processo dinâmico e ativo de memória compartilhada. Assim, este trabalho teve por norte contribuir com os processos comunitários de criar e recriar uma nova memória coletiva da história recente e traumática de nosso país (Pamela).

V. Princípios norteadores ao trabalho de Arteterapia em grupos

Minha ideia era seguir o esquema geral metodológico que tem orientado a abordagem gestáltica no trabalho com grupos⁶ e que tenho desenvolvido em trabalhos de Arteterapia no contexto grupal e comunitário:

1. **Orientação geral** sobre o processo a ser vivenciado, estabelecendo um ambiente seguro e acolhedor que facilite a emergência das experiências afetivas.
2. **Aquecimento grupal**: através do qual cada pessoa possa
 - a) conectar-se à sua experiência pessoal com o tema (às memórias e sentimentos que a focalização no tema lhe traz)
 - b) sentir-se parte de uma totalidade maior, um campo comum, interrelacionado e interconectado com os demais.
3. **Atividade expressiva** que possibilite a expressão individual dos conteúdos que afloraram durante o aquecimento.
4. **Compartilhar em pequenos grupos**: Propor que as pessoas se dividam em sub-grupos (duplas, tríades ou pequenos grupos) para poder compartilhar o trabalho e a experiência de cada um com maior profundidade e intimidade.

Regras Importantes: Para que este processo ocorra de forma a que o grupo possa tornar-se um campo continente e afetivo, a abordagem gestáltica estabelece algumas regras importantes (ZINKER, 1977, p.165-167):

- Cada um deve falar de seus próprios sentimentos, percepções e experiências, sem interpretar ou julgar o comportamento, sentimentos [ou os trabalhos expressivos] dos outros. Para isso, cada um deve falar de si, na primeira pessoa (*"Eu vejo, eu percebo, eu sinto, eu imagino..."* e não *"você é, seu trabalho revela"* ou *"as pessoas sentem..."* sem responsabilizar-se pessoalmente pelo que está sendo dito).
- Priorizar a experiência presente (sensações, sentimentos, imagens, memórias) sem perder-se em considerações discursivas ou teóricas sobre o tema.
- Falar com o outro, e não sobre o outro
- Escutar e acolher de forma empática, sem interpretar, julgar ou interromper. Aguardar que o outro conclua para falar sem estabelecer conversas paralelas a fim de respeitar o espaço e a fala de cada um.

⁵ Vázquez Sixto, 1997

⁶ Ciornai 1995,1999, Kepner 1980, Ronall 1980, Zinker 1977, Wheeler 2000

(Obs: Neste grupo, considerando o possível aparecimento de posições políticas diversas, estas orientações foram bem enfatizadas).

5. **Reflexão conjunta:** Sugerir que cada sub-grupo identifique os temas comuns que emergiram neste compartilhar.
6. **Criação de um projeto conjunto:** Cada sub-grupo cria em conjunto um trabalho, uma performance, enfim, uma criação ou ação grupal, que tanto expresse estes sentidos e significados comuns, como os caminhos e transformações que, a partir dela, o grupo deseja atuar e realizar.

Estes cinco primeiros passos, fundamentados na bibliografia gestáltica de trabalho com grupos, acrescido do 6º, criado em experiências e vivências que desenvolvi ao longo dos anos ao realizar e supervisionar trabalhos de Gestalt e Arteterapia em contextos grupais e comunitários (CIORNAI, 1983, 2004a, 2004b), possibilitam:

- Atenção ao indivíduo e ao grupo.
- Redimensionar e ampliar o olhar sobre si e sobre o outro.
- Formação de laços de solidariedade.
- Consciência de pertencimento e construção de uma identidade comunitária comum.
- Fortalecer a resiliência e o poder reparatório do grupo.
- Construir pontes de esperança entre passado, presente e futuro.

Isto se dá pois cada um tem a oportunidade de entrar em contato com seus conteúdos, memórias, sensações e emoções pessoais, envolve-se em uma atividade expressiva em contato com as associações e experiências internas que o tema tanto lhe evoca como provoca, e só após este contato pessoal com o tema compartilha sua experiência e seu trabalho expressivo com o grupo. O grupo acolhe e comenta cada trabalho, e no que as partilhas se iniciam, identificações, espelhamentos e sintonias mútuas se manifestam, possibilitando a ampliação do olhar sobre si e sobre o outro. Cada um fala e escuta, acolhe e é acolhido, expressa sua experiência pessoal e exerce sua sensibilidade em relação à experiência dos outros. O exercício da atitude empática e não julgadora possibilita redimensionar o olhar e a ver a partir de novas perspectivas o que antes era visto de forma única. Pessoas descobrem-se com experiências semelhantes e uma coesão grupal começa a se construir a partir da intimidade partilhada e das comunicações e semelhanças encontradas. A sensação de ter vivido experiências incomunicáveis e solitárias que às vezes caracteriza experiências individuais se dissolve. Laços de solidariedade e empatia se configuram, diálogos se estabelecem, ao mesmo tempo que a consciência de pertencimento e identificação a um sistema social mais amplo se instala, fortalecendo a construção de uma identidade comunitária. Finalmente, quando a idéia de um projeto grupal a partir destas semelhanças e identidades se delineia, o grupo se une em torno de um objetivo comum. Todos se sentem mobilizados, incluídos e contemplados pois idealmente há um pouquinho de cada um no projeto grupal. O grupo se mobiliza para expressar o que percebeu como comum a seus membros, mas, raramente se restringe a isto. A identidade grupal fomenta o sentimento de poder e resiliência coletivo, e o projeto grupal vem a expressar tanto o que o grupo percebe como comunidade como os desdobramentos que desejam e vislumbram. Esta proposta ajuda a fortalecer a resiliência e o poder grupal, pois as pessoas passam a em conjunto buscar e construir um encaminhamento para as questões que as afligem, vislumbrando e concretizando através dos recursos expressivos que a arte possibilita, uma nova forma (uma nova *gestalt*), um novo amanhã.

Assim o projeto comum ao concretizar-se expressa tanto o que foi vivido, como também concretiza simbolicamente o que o grupo quer transformar, a direção em que quer caminhar e o que quer construir, estabelecendo assim uma ponte entre passado, presente e futuro. Três dimensões que na concepção gestáltica co-existem, pois tanto o que sentimos e pensamos no momento, como nossas memórias do passado e nossos desejos e projetos para o futuro fazem parte de nossa existência presente (*Selma*).

VI. O Processo

1ª parte: Início e aquecimento

Ao chegarmos no domingo, após a parte inicial da manhã, expliquei ao grupo que como o tema da aula era Arteterapia no contexto grupal e comunitário, nada me parecia mais adequado do que trabalhar esta temática, sem dúvida pertinente a todos, dada a data ser a véspera do 11 de Setembro. Porém, conforme combinado dei como opção alternativa um trabalho com Arteterapia Familiar, que não havíamos tido tempo de focalizar, colocando que sem dúvida seria um trabalho mais leve, e que eu não queria forçá-los a revolver memórias e sentimentos que poderiam ser dolorosos para muitos. Porém, aparentemente sem pestanejar, o grupo concordou em uníssono em focalizar esta temática.

Pedimos que todos se sentassem voltados para uma parede onde Pamela iria projetar as imagens e tocar as canções dos anos 70 no Chile que havia selecionado. Pamela pediu que eu falasse e coordenasse a vivência,

pois ela se sentia envolvida e mobilizada demais para poder dividir naquele momento este papel comigo. Mas justamente por esta razão sua presença me deu chão, pois nossas trocas de olhar me serviam de referência sobre o “timing” e o ritmo do que ia acontecendo. Senti que nos dávamos força mutuamente em uma conexão que dava confiança e suporte ao grupo.

Todos sentados em círculo, Pamela começou a projetar as imagens que montou em uma sequência. Imagens enormes, tomando a parede inteira. Imagens da tomada do palácio de la Moneda, de Allende, de Pinochet e a junta militar, de Victor Jarra, os conflitos nas ruas.... e também de performances e obras de arte, extremamente fortes e impactantes feitas por artistas chilenos sobre estes eventos.



Figs. 3 - Imagens do *Power Point* de Pamela

Ao mesmo tempo canções de Victor Jarra, Violeta, Angel Parra e outros, do disco “A Nova Canção Chilena” começaram a tocar, e grande parte do grupo começou a cantar junto, inclusive eu, que as sabia de cor. As imagens e as canções traziam emoções fortes, e sentindo no ar a dor, o medo e o desamparo que muitas daquelas pessoas estavam revivendo, senti que seria bom dar-nos suporte mutuamente. Sugerí que déssemos todos as mãos, e uma corrente de união se estabeleceu no grupo. Ficamos todos sentados de mãos dadas, pessoas de todas as idades e de todos os timbres de voz, cantando as canções que nos remetiam àquela época. e olhando as imagens que iam e vinham.

2ª parte: Proposta de experimento e atividade expressiva seguida de criação de um projeto conjunto

A seguir pedi a todos que ainda de mãos dadas fechassem os olhos e se deixassem entrar em contato com as memórias, sentimentos e sensações evocados, e com os sentimentos e sensações que as vivências deste período de ditadura lhe faziam ainda sentir. Deixei que cada um mergulhasse em si por um tempo, e logo, pedi que utilizando os materiais de arte disponíveis, expressassem o que haviam contatado.



Fig. 4 – Foto do grupo trabalhando

3ª parte: O compartilhar nos sub-grupos (relatos dos processos pelas coordenadoras de cada grupo)

A seguir, dividimos o grupo em quatro sub-grupos, coordenados respectivamente por mim, Pâmela Reyes, Daniela Glooger e Bea Guzman, todas professoras do curso, com a consigna de que todos se escutassem respeitosamente, sem interpretar ou julgar o outro, e sem teorizar sobre as experiências alheias, mas falando sempre na primeira pessoa, sobre sua experiência, sobre que impacto ou ressonância o trabalho do outro teve em si. Éramos quatro coordenadoras e cada uma de nós ficou com um grupo de umas 12 a 15 pessoas (*Selma*).

a) Processo vivido no grupo coordenado por Pamela Reyes:

O grupo estava composto por membros de diversas idades, em sua maioria estudantes de Arteterapia e arteterapeutas já formados.

Comecei falando de minha imagem. Meu trabalho era uma espécie de ramo de flores, elaborado com papel Kraft branco, fita adesiva e manchas de tinta vermelha. Tinha também umas flores que tirei do arranjo que decorava a mesa de apresentações. Expliquei alguns dos sentimentos com que me conectei durante o trabalho: raiva e sentimentos de impotência e dor. Durante o processo meu trabalho havia se transformado de um espécie de ramalhete a algo que lembrava uma ikebana pois buscava um equilíbrio, apesar de não alcançá-lo realmente.

Os membros do grupo foram compartilhando suas imagens e através delas suas experiências. Uma jovem de uns 26 anos relatou o choque que foi para ela e sua família o reconhecimento das violações aos direitos humanos quando entrou na universidade. Sua família, politicamente de direita, havia seguido uma vida sem contratempos e jamais haviam abordado o tema; ela mesma estudara em um colégio onde estes temas jamais haviam sido discutidos. Alguns membros falam de divisões no interior de suas famílias. Uma mulher mais velha diz que lhe é um tanto difícil falar, mas que se sentiu um pouco incomodada com as fotos de Pinochet das imagens iniciais, sente que foram um pouco manipuladas. Durante o governo de Allende ela havia participado de uma marcha com um grupo de mulheres batendo em panelas, e reconhecia que durante a Unidade Popular houve falta de abastecimento e que ela e sua família haviam sofrido com isto. Outra jovem lhe responde que lhe incomoda um pouco o que a ouviu dizer, porque para ela a imagem de Pinochet é literalmente a de um cachorro... sua mãe esteve presa em um centro de detenção quando grávida dela, e isto foi uma situação que marcou fortemente sua família. Neste momento outra jovem explica entre soluços o medo que sentia quando pequena de militares e pessoas uniformizados, cada vez que tocavam na sua casa se amedrontava... outra mulher mais velha comenta “mas você era muito jovem para ter sofrido tanto” (referindo-se a que não poderia ser vítima direta devido à idade). A jovem explica que na sua família os avós e os pais estavam ligados à defesa dos direitos humanos e que haviam sido ameaçados de morte durante a ditadura. Ao final, quando já quase todos haviam compartilhado suas imagens, restava uma mulher, a mais velha do grupo. Sua imagem era um barco, muito grande... começa a relatar que na época do golpe militar ela vivia em Valparaíso e trabalhava para o estado. No dia do golpe foi presa, levada a um centro de detenção em um barco e ali foi torturada. Relata tudo isso com uma imensa paz, e apesar de claramente emocionada pelo que falava, diz: “e se alguém neste país ainda não acredita no que aconteceu aqui, eu estou aqui para dizer que estas coisas todas ocorreram sim.” Um silêncio profundo se instalou no grupo, e tratei de acolher e não mergulhar mais nas experiências pessoais. Os convidei a pensar em uma imagem que destacasse os aspectos comuns das experiências. O grupo decidiu fazer uma imagem com partes de todas as imagens produzidas no grupo. Havia partes unidas com fita adesiva que deixavam espaços vazios. O grupo explicou que era uma imagem que mostrava a dificuldade de reunir as experiências, que haviam partes que eram muito difíceis de integrar e por isso estavam separadas e fragilmente unidas às outras, de forma que a imagem final refletia o esforço em reunir todas as imagens em uma (*Pamela Reyes*).



Figs. 5 - “As feridas ficam e não se apagam, mas temos que fazer um esforço para uni-las”

b) Processo vivido no grupo coordenado por Daniela Gloger:

Inicialmente o grupo se manifestou tímido, inibido e com pouca iniciativa de compartilhar a experiência vivida. Como coordenadora do grupo tomei a palavra, me apresentei e comecei a falar sobre a imagem que criei durante a experiência. Uma imagem de terra e grampos, de riscos fortes, dobras e ausência de figuras. Representei sensações através dos gestos impressos. Introduzi impressões pessoais tentando “quebrar o gelo” do ambiente. Fui sincera e transparente com o objetivo de criar um espaço aberto aos sentimentos de cada um.

Mas um silêncio estranho seguia no grupo, olhares para o chão, olhares concentrados nas imagens. Falei das dúvidas e medos que tinha frente a esta atividade, de abrir feridas, de tocar intimidades não resolvidas, de enfrentar oposições políticas. Sem dúvida o 11 de setembro para mim tinha um significado, mas ignorava como esta data poderia repercutir no resto das pessoas que me rodeavam. Assim, convidei-os a que tentassem compartilhar a experiência vivida com sinceridade sem medo à reações preconceituosas.

Silêncio.

Começaram pouco a pouco a atrever-se a falar, explicando suas imagens e algumas partes de suas histórias. Este grupo se compunha de mulheres de distintas gerações. Desde o princípio pude perceber certa diversidade, o que foi se manifestando cada vez mais com o relato das experiências de cada uma.

Haviam imagens escuras, e outras cheias de cores, imagens figurativas e imagens abstratas. Houveram relatos com a voz entrecortada e outros com tom de enfado, relatos na primeira pessoa e outros de histórias escutadas. Mas houve respeito e escuta.

Algumas delas relataram não terem se sentido cómodas na atividade. Sentiram que era algo imposto, se sentiram incomodadas de ter que estar durante tanto tempo em contato físico (de mãos dadas) com uma pessoa que não conheciam, lhes desagradou ter que ver novamente imagens do passado. Por outro lado, outras mulheres sentiram a necessidade deste ritual, que representava a luta de sua juventude, a perda de gente próxima e também de seus ideais.

Começou uma espécie de debate em que algumas sentiam que neste contexto não tinham espaço, que por terem sido de direita e pertencentes ao outro lado da história, sempre iriam ser julgadas. E por isso não se atreveram a levantar a mão para manifestar seu desejo de não realizar esta atividade.

Mas houve algo em que todo grupo concordou, a força da imagem da participante mais jovem, que não viveu nem conheceu esta época da história do Chile. Ela representou através de um desenho “naif”, uma menina elevando um cometa em meio de um jardim iluminado pelo sol, seu desejo de começar uma nova etapa. O grupo concordou que esta imagem representava um espaço novo e diferenciado, em que haviam podido desvelar suas histórias e manifestar diferenças em um espaço de respeito.

Na atividade final, em que tinham que representar a experiência grupal através de uma criação coletiva através de uma ação ou de uma imagem, o grupo propôs criar uma rede de intersecções entre todos os membros. Dispostas em círculo começaram a lançar um novelo de lã a uma de suas companheiras, que recebia o novelo e o relançava, ao mesmo tempo que lançavam uma palavra que representasse as ideias compartilhadas. E com esta ação ficou registrado através do desenho dos fios de lã, as intersecções do grupo.

Algumas das palavras compartilhadas foram: Futuro, Diversidade, Aceitação, Diferença, Tolerância, Arco-íris, Esperança (*Daniela Gloger*).



Fig. 5 - “Com um novelo de lã o grupo foi criando uma rede a medida que verbalizavam sentimentos. A imagem final era uma rede de fios, que unia os membros do grupo em um mesmo tear, associando historias entre si”

c) Processo vivido no grupo coordenado por Beatriz Guzman:

O grupo foi formado por pessoas de diversas idades, alguns até não haviam ainda nascido quando ocorreu o golpe militar, outras eram crianças na época ou estavam em plena adolescência e os demais já estavam no mundo laboral.

Igualmente pertenciam a famílias que viveram o final do governo de Allende como o fim da violência enquanto que para outros foi o inicio de uma vida cheia de medo e injustiças, com a perda de seres queridos e o atropelo aos inalienáveis direitos humanos, quando os sonhos e esperanças de uma existência justa e livre se chocaram com o desaparecimento de seus amigos e seres queridos, roubando-lhes a paz e a felicidade.

Uma participante contou que com a caída dos aparatos repressivos, para ela e alguns chilenos começou a desvelar-se um segredo, a verdadeira cara da ditadura - e a palavra injustiça é pronunciada entre lágrimas sentidas.

A segunda participante que falou, relata não estar interessada no tema, sente-se incomodada que se continue falando dos fatos ocorridos a 30 anos atrás, não compreendendo porque as pessoas ainda os recordam.

Para outra participante, que se descreve como tendo estado “do outro lado”, i.e., do lado das pessoas que apoiavam o sistema, sua vida estava cheia de restrições, não falar, não dizer o que pensa na universidade por medo aos “vermelhos” que podem ser muito violentos, por isso estuda uma carreira vinculada com o desenvolvimento humano e hoje se dá conta, pela primeira vez, que teve medo e ainda tem medo de falar.

Na reflexão final todos concordaram que todos os chilenos, de uma forma ou outra, tiveram uma dura experiência de vida, considerando principalmente a geração que viveu diretamente a violência da época e os que cresceram no horror e no medo. Todos sentiram que foram afetados pelas regras de um governo que não aceitava a divergência nem a liberdade de expressão.

Concordaram que ainda falta muito para acabar com a violência e a divisão existente, apesar de que se pretenda mostrar o contrario, posto que as novas gerações são as que mantêm viva a memória de que ainda não há nem perdão nem esquecimento para as vítimas da repressão. E este pesadelo da divisão que ainda existe em nosso país, se manifesta em pobreza, drogadicção e violência intra-familiar. Ainda assim, esperam o fim da dor das vítimas. E para isto sentem ser necessário que a justiça castigue aos culpados de ambos lados, posto que é necessário deixar ir esta dor para recuperar a união e harmonia (*Beatriz Guzmán*).



Fig. 6 - “Se integraram todos os trabalhos, unido-os sem modificar ou tocar o trabalho do outro...”

d) Processo vivido no grupo coordenado por Selma Ciornai:

No grupo que coordenei, as imagens eram fortes e violentas. Intensos riscados, grandes manchas de cores contrastantes, muitos negros e vermelhos intensos... No que os participantes começaram a falar uma comoção geral foi se densificando no ar. Algumas pessoas tinham dificuldade em falar, especialmente os que hoje têm mais de 40 e têm memórias muito vivas daquela época. Entre estes, dois haviam sido torturados, exilados, ou tinham parentes e amigos que o foram, outros tiveram amigos e parentes desaparecidos... Uma pessoa ao começar a falar foi avassalada pela emoção. Chorava copiosamente e entrecortadamente só conseguia dizer “*não consigo falar, não consigo falar...*” - mas sua imagem, rasgada por traços rubros, cinzas e negros por todos os lados, eloquentemente falava por ela da dor, medo, revolta, decepção e sonhos desfeitos que havia experienciado, palavras não eram necessárias. Outros participantes, mais jovens, contavam do que se recordavam desta época como crianças, às vezes inclusive boas recordações do convívio familiar, ou de como se sentiam afastados do tema, como se não fosse algo que tivesse a haver com eles, que os tocasse... todos se escutavam respeitosamente.... sem julgar, simplesmente acolhendo com o coração e a alma a experiência do outro.

Eu me sentia extremamente emocionada e mobilizada por tudo o que via e escutava, porém, desde a manhã não me sentia bem, e quando esta participante começou a chorar dizendo que não conseguia falar, pela primeira vez na vida tive que sair antes do final de um workshop que coordenava pois realmente me senti desfalecendo. Confiei que Pamela tomaria a si a responsabilidade de finalizar o workshop, e, no grupo que eu coordenava, como haviam alguns professores, pedi que se encarregassem de conduzir o processo daquele grupo até o final.

Soube depois que o grupo que eu coordenava continuou auto gerindo-se, e que depois, decidiram queimar conjuntamente seus trabalhos, queimando simbolicamente com isso este passado de dor com vistas a construir juntos um novo futuro. Nas palavras de uma das participantes, o grupo continuou assim:

“A pessoa que chorava quando você se foi, finalmente falou, e o que sentia era que tinha despejado em seu trabalho muita raiva, raiva de ver seus pais tristes, frustrados e abatidos pelo que aconteceu depois do golpe militar. A última que falou foi a mais jovem do grupo, uma estudante de arte de uns 20 anos. Ela contou que nesta atividade havia realizado um ritual de cura ao Chile colocando cores bem aguadas, com uma voz muito doce e serena e foi explicando que efeito teria cada cor em seu ato psicomágico. Ela mesma teve a ideia de queimar seu trabalho no final, e o grupo se enganchou na ideia com entusiasmo, assim saímos todos ao pátio, e o doutor e a jovem artista tocaram fogo nos trabalhos apelando à virtude transformadora do fogo. Com isto quisemos também destacar a função política da arte e seu potencial subversivo e revolucionário em um marco pacífico” (Selma Ciornai).



Figs. 7, 8 e 9 - "A virtude transformadora do fogo: os trabalhos começam a queimar"

3ª parte: Expressando a alma grupal, desdobrando o vivido no grupo em uma atividade conjunta

Quando Selma partiu continuei as atividades que estavam planejadas. Cada grupo apresentou em uma imagem os sentimentos compartilhados, e o tema de tentar integrar as diversas experiências se repetiu. O grupo coordenado por Daniela trabalhou com um novelo de lã construindo uma rede a medida que verbalizavam sentimentos e esperanças. A imagem final era a de uma rede de fios, que unia aos membros do grupo em um mesmo tecer, que unia as histórias relatadas associando-as entre si. Este grupo finalizou o trabalho desfazendo conjuntamente esta rede.

Durante a última apresentação, o grupo coordenado por Selma propôs como imagem final a realização de uma "performance" -- queriam queimar alguns trabalhos. Eu lhes sugeri sair ao pátio para poderem trabalhar com mais liberdade. Enquanto os membros do grupo queimavam os trabalhos, gesto que nos chegava com grande intensidade emocional, recordei em voz alta ao grupo inteiro a tradição Européia de queimar o velho durante o solstício de verão.

Provavelmente em ressonância, outras pessoas de outros grupos se motivaram a queimar seus trabalhos. A emoção recorria o grupo e nele se apoiava, as palavras neste momento não serviam para acolher a emoção. Então, como coordenadora do grupo e arte-terapeuta, frente a uma experiência social-comunitária intensamente compartilhada, senti necessidade de acompanhar estes atos com uma canção. A música, pelo caráter envolvente dos sons poderia melhor acompanhar, unir e conter estes atos e assim, junto ao fogo, dar-lhes a possibilidade de transformar e tranquilizar a emoção.

Entoei então uma canção bem conhecida no Chile, convidando o grupo a cantar junto, e que diz:

*[Quando amanhece o dia, que sorte tenho de ser testemunha
de como se acaba com a noite escura que deu a meu povo dor e amargura
e aí vejo o homem que se levanta, cresce e se agiganta...
que se levanta, cresce e se agiganta...]*

(Canção de Angel Parra, entoada pelo grupo ao finalizar...)

Lentamente a fogueira foi crescendo, e como em um ritual compartilhado ao redor do fogo, as imagens e suas matérias se foram transformando ... (Pamela).

VII. Ecos e ressonâncias: Arteterapia como meio de processar feridas coletivas comunitariamente, unir o que foi cindido, tecer pontes entre gerações e criar caminhos para um novo futuro

Pelos relatos, a canção entoada por Pamela e seguida por todos foi um fecho de ouro para um processo que, de acordo com os comentários, foi "muito curador para todos." Assim que cheguei escrevi a todos uma carta desculpando-me pela ausência ao final do *workshop* e pedindo notícias. Várias pessoas responderam relatando suas vivências. Algumas nos deram permissão para utilizar seus relatos neste trabalho, assim que as insiro a seguir:

"O trabalho de domingo sobre comunidades, e em particular para nós chilenos sobre o ocorrido no 11 de setembro me impressionou muito. Me emocionei e chorei no principio, com a música, as imagens e tuas palavras. Não foi

⁷ " Cuando amanece el día digo que suerte tengo de ser testigo
de como se acaba con la noche oscura que dio a mi pueblo dolor y amargura
y ahí veo al hombre que se levanta crece y se agiganta...
que se levanta crece y se agiganta."

difícil criar imagens mais figurativas e relacionadas com experiências concretas. Éramos como 11 no meu grupo, a maioria muito jovens, alguns não haviam nem nascido nesta data ou tinham 2 a 3 anos! Creio que nós, os mais "velhos" éramos como 3: um dos doutores, eu que tenho 62, e outra pessoa mais. Eles não falaram, mas seus trabalhos falaram por eles. Creio que o que foi lindo neste trabalho foi este encontro intergeracional, desde o coração, sem confrontações ideológicas. Em todos estes anos nunca havíamos feito algo assim, que fosse dirigido a todos e todas...."

"A dinâmica final do curso para mim foi muito forte, e consegui ultrapassar a imobilização e pintar algo, porque o primeiro que me ocorreu foi não querer pintar, não querer dar a mão a meus companheiros, enfim, não quis abrir-me à experiência porque me dava medo. Em nosso grupo começamos a conversar timidamente e me atrevi a compartilhar minha experiência, apesar de ter pensado que não seria capaz de fazê-lo. Apesar disto fiquei muito mal e cheguei a conversar com meu marido em casa, já que não pude ficar até o final do curso quando as experiências de cada grupo foram compartilhadas com todos. Isto me permitiu um olhar mais distanciado do que me havia ocorrido, e também reconhecer no que me havia sucedido, um sentimento coletivo, um sentimento igual em todos nós e que finalmente é o que nos une em nosso país, porque na experiência grupal me senti muito de fora de tudo o que ocorria. E isso foi importante, porque permitiu que eu me desse conta de que não sou nem distante nem alheia a esta história como sempre acreditei, me senti mais parte que nunca ao perceber o medo que me provocou. Mas necessitei de perspectiva e de um tempo para baixar as emoções para dar-me conta de que havia sido bom trabalhar este tema, porque meu medo me havia levado a pensar que isso não era uma boa ideia...."

"Tenho que te agradecer ter me ajudado a conectar esta dor que tinha tão profunda em minha alma desde o 11 de setembro de 73...."

"A ferida deste país às vezes me parece mais um câncer. Mas o câncer não é mortal, Chile se recupera pouco a pouco, renascem as cores, o valor da diversidade, da solidariedade, da vida nas ruas, pouco a pouco, re-tecendo e reinventando as conexões neuronais de nosso povo..."

"O grupo foi muito curador para mim, muito reconciliador. Para mim foi um fato muito traumático, que quebrou minha vida em dois, como também a de minha família. Sempre tenho a imagem destes dias latente, pois os passei chorando... Meu pai perdeu o trabalho na universidade, meu irmão mais velho foi torturado com eletricidade, a mim expulsaram do colégio e minha mãe adoeceu de uma crise hipertensiva quando devolveram meu irmão que estava preso. Não tivemos outra alternativa a não ser ir embora do país, já que para a próxima provavelmente não estaríamos vivos. O fechamento do processo aqui foi muito emocionante..."

"Sou a moça que não pôde falar esse dia e agora te conto o que se passou naquele momento comigo. Eu sou "filha da ditadura", e que forte soa para mim dizer isso! Venho de uma família de esquerda muito humilde, meus pais sempre foram de muito esforço e fizeram o possível para dar-nos educação, assim que quando me ponho a pensar no que produziu a ditadura e esta repressão desmedida aqui no Chile, vejo com muito pesar quão frustrados meus pais e familiares ficaram ao ver seus sonhos de um país melhor, com mais igualdade, arrancados pelo poder e a ambição (...) muitos benefícios justos como a educação aos mais humildes foram eliminados, e me dá um sentimento de muita impotência pensar nisso, sobretudo nestes sonhos que muitos construíram e acreditaram para o bem comum, que cresci escutando deles, pensando que poderiam transformar a situação em democracia (...). Sempre vivi com um discurso sobre a consciência social, a igualdade a democracia, mas também com esta raiva que deles herdei, ademais de passarmos vários sustos, por que vivíamos escutando que vizinhos ou amigos de minha família desapareciam, escutávamos tiroteios e muitas vezes vi meu pai assustado ou triste. Graças a Deus em minha família ninguém desapareceu ou morreu, mas de toda forma sinto que eles viveram uma grande parte de sua vida tristes, e que isto sempre lhes vai trazer tristeza e amargura apesar de terem sobrevivido a este período. Assim que neste momento meus sentimentos foram de frustração e pesar. Mas o que mais me incomoda é que não haja memória nem consciência de que este momento provocou consequências terríveis para todos, porque nos acostumamos a esta opressão e insensibilidade..."

VIII. Considerações Finais

Analisando de modo geral as experiências compartilhadas, observamos um grupo dolorosamente cindido: Uns com resistência a contemplar imagens do passado por temor da rejeição do grupo por sentirem ou pensarem distinto, medo a expressar a diferença e sentirem-se ameaçados; outros com a dor intensa e profunda que emerge daqueles que foram vítimas diretas da repressão e da violência política. O encontro desta diversidade de experiências foi assombroso e esperançoso, pois nosso maior desafio como seres humanos é poder dialogar sobre nossas diferenças, não existe outra maneira de conviver socialmente em paz, se não através do diálogo.

Neste processo a arte, a música, e a atuação simbólica tiveram um papel fundamental:

- Promovendo a escuta, a tolerância e a validação da vivência do outro. Estas são contribuições que a arte tem a fazer à convivência social e à co-criação de memórias compartilhadas;
- Ajudando a comunicar experiências que não cabiam em palavras;
- Propiciando através de uma experiência emocionalmente intensa, unir a alma grupal no presente, promovendo um diálogo de gerações;
- Possibilitando expressar e transmutar feridas pessoais e coletivas em vivências curadoras para a alma grupal, vivências carregadas de esperança em um novo futuro.

Agradecemos a cada um dos participantes deste grupo a confiança e a autorização que nos deram de registrar este processo, desejando que esta experiência possa inspirar arte terapeutas a trabalhar coletivamente temas comunitários, e a perceber o enorme poder expressivo e facilitador que a utilização de recursos de Arteterapia nestes processos podem propiciar.

A poesia é sempre um ato de paz.

O poeta nasce da paz como o pão nasce da farinha ⁸

“Confesso que vivi” P. Neruda.

Referências

CIORNAI, S. Arteterapia com mulheres latinas de classe trabalhadora. In: CIORNAI, S. (Org). *Percursos em Arteterapia*. São Paulo: Summus, 2004. p.173-197. Tradução do original publicado em inglês em *The Arts in Psychotherapy*, 1983, 10,(2), 63-76.

_____. Tocando o fundo: pano de fundo das figuras do nosso viver. *Revista de Gestalt*. São Paulo: Deptº de Gestalt Terapia, Instituto Sedes Sapientiae, v.1, n.5, 1996. (Tradução do original publicado em inglês em *The Gestalt Journal*, XVIII, n.2, 1995).

_____. From a culture of indifference towards a Gestalt of hope. *The Gestalt Review*, v.3, n.3, p.178-189, 1999.

_____. Arteterapia Gestáltica. In: CIORNAI, S. (Org.) *Percursos em Arteterapia: Arteterapia Gestáltica, arte psicoterapia e supervisão em Arteterapia*. São Paulo: Summus, 2004a.

_____. Arteterapia na superação de crises e dificuldades na vida: Arteterapia e resiliência (Mesa Redonda). *Congresso Brasileiro de Arteterapia*, Vitória, ES, 4-6 de Setembro, 2004b.

KEPNER, E. Gestalt Group Process. In: FEDER, B.; BEYOND, R. R. *The Hot Seat: Gestalt Approaches to Group*. New York: Brunner /Mazel Publishers, 1980. p.5-24.

RONALL, R. Intensive Gestalt Workshops: Experiences in Community. In: FEDER, B.; BEYOND, R. R. *The Hot Seat: Gestalt Approaches to Group*. New York: Brunner /Mazel Publishers, 1980. p.5-24.

VÁZQUEZ SIXTO, F. *La memoria como acción social: relaciones, significados e imaginario*. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 1997.

ZINKER, J. C. In: *Search of Good Form: Gestalt Therapy with Couples and Families*. San Francisco, CA: GIC Press, Jossey-Bass Publishers, 1994.

WHEELER, G. *Beyond Individualism: Towards a New Understanding of Self, Relationship and Experience*. GIC Press, The Analytic Press, Hillsdale, NJ, 2000.

⁸ *La poesía es siempre un acto de paz.*

El poeta nace de la paz como el pan nace de la harina.”

Confieso que he vivido, P. Neruda

ARTIGOS ORIGINAIS

2 – A FOTOGRAFIA COMO RECURSO TERAPÊUTICO

*Marisa Lurdes Beck⁹
Mara Evanisa Weinreb¹⁰
Raquel M. Rossi Wosiack¹¹*

Resumo: Este artigo apresenta o relato de atividades desenvolvidas com um grupo da terceira idade, que integra o projeto de extensão: Arteterapia Instrumento de Transformação Social, da Universidade Feevale. Participam destas atividades seis mulheres, com idades variando entre 45 a 62 anos. Aqui foi relatado o desenvolvimento das atividades que utilizaram a fotografia como recurso expressivo. Constatou-se que as participantes renovaram seus ideais e estipularam novas metas para o seu viver.

Palavras-chave: Arteterapia; Adulto Maior; Projetos de Extensão; Melhoria da Qualidade de vida.

A fotografia como recurso terapêutico

Abstract: This article presents the report of an activity developed in a group of third aged people, that participated on an extension project named 'Art Therapy - Instrument of Social Transformation' in Feevale University. Six women between 45 and 62 years old took part in the activities. Activities that used photography as an expressive resource were developed. The results were that the participants changed their ideals and set up new goals in their lives.

Key-Words: Art therapy; Major Adult; Extension Projects; Quality of Life.

La fotografía como recurso terapéutico

Resumen: Ese artículo presenta el relato de una actividad desarrollada en un grupo de tercera edad en la Universidad Feevale, participantes del proyecto de extensión: Arteterapia Instrumento de Transformación Social. Participan de las actividades seis mujeres con edades variando de 45 a 62 años. Aquí fue relatado el desarrollo de actividades que utilizaran la fotografía como recurso expresivo. Se constato que las participantes renovar sus ideas e estipularan nuevas metas para su vivir.

Palabras clave: Arteterapia; Mayor; Proyectos de Extensión; Mejoría de la Cualidad de vida.

Introdução

Aprendemos com a nossa prática arteterapêutica que toda pessoa tem condições de realizar um trabalho expressivo e que ele vem repleto de vivências pessoais e culturais do indivíduo. A Arteterapia é um processo terapêutico, que ocorre por meio da utilização de modalidades expressivas diversas, permitindo que o participante expresse por meio de símbolos seus conflitos e afetos, utilizando-se do processo criativo como forma de resgatar o ser humano. Desta forma, os meios expressivos da arte podem contribuir de forma significativa no auxílio a

⁹ Licenciada em Educação Física pela Universidade Feevale, graduanda em Arteterapia também pela Universidade Feevale; extensionista do Projeto Arteterapia Instrumento de Transformação Social. E-mail: marisabeck@terra.com.br

¹⁰ Psicóloga clínica graduada pela PUCRS, especialista em Psicoterapias-Humanístico-Existenciais também pela PUCRS. Mestre em História, Teoria e Crítica da Arte pelo Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS, e doutora pelo mesmo programa. Docente da Universidade Feevale nos cursos de Arteterapia e Pós-Graduação em Arteterapia. Colaboradora do Projeto de Extensão: Arteterapia Instrumento de Transformação Social. E-mail: marawew@gmail.com

¹¹ Doutoranda em Ciências da Atividade Física e do Desporte-Universidade de Córdoba (Es), Mestre em Educação-UFRGS, pós-graduada em Arteterapia-Feevale, Coordenadora e professora de Arteterapia no curso de Pós-graduação e no curso de graduação da Universidade Feevale e professora convidada nos cursos de Pós-graduação em Arteterapia-UCS e UPF. Presidente da Associação Sulbrasileira de Arteterapia, membro do conselho da União Brasileira das Associações de Arteterapia. E-mail: raquelrossi@feevale.br

diferentes indivíduos no acesso a prevenção, a manutenção ou a reabilitação da saúde mental, favorecendo uma melhor qualidade de vida por meio de diferentes manifestações criativas presentes nos diversos campos sociais.

Ao utilizar-se a arte como recurso, investigam-se fatos desde os primórdios da nossa cultura e consequentemente também do ser humano, desvendando mistérios do nosso inconsciente individual e coletivo. Por este aspecto é que a arte pode tornar-se um instrumento de melhoria da qualidade de vida dos participantes.

Embasadas nos aspectos acima mencionados é que foram propostas atividades arteterapêuticas para um grupo de mulheres do Movimento Terceira Idade, na Universidade Feevale. Estas atividades foram desenvolvidas dentro de um projeto de extensão, nesta mesma instituição, intitulado Arteterapia: Instrumento de Transformação Social.

O Projeto Arteterapia: Instrumento de Transformação Social é um projeto de extensão que se constitui como um espaço de reflexão e articulação sobre o uso da arte em diferentes contextos e diferentes formas de expressão, buscando o melhor entendimento do indivíduo como ser humano criativo e a reinserção deste mesmo indivíduo, na vida da comunidade a qual pertence.

Este projeto visa integrar o ensino, a pesquisa e a extensão. É, também, uma referência para a comunidade em geral, na medida em que proporciona espaços de reflexão em torno das diferentes formas de inserção da arte, desde fins estéticos, educativos, lúdicos, recreativos e terapêuticos.

Além disso, o presente projeto favorece a interface ensino, pesquisa, extensão, qualificando o processo de formação acadêmica, na perspectiva da promoção da saúde, da transformação social, tendo como central temática a arte como forma de expressão, de autoconhecimento e de promoção da qualidade de vida. Espera-se que, as atividades desenvolvam a autoestima, a autoimagem, e o ser criativo, dos participantes, e que, assim, eles sejam capazes de tomar parte mais ativamente da vida na comunidade (caso dos idosos, melhorando sua qualidade de vida).

As atividades arteterapêuticas desenvolvidas com este grupo de adultos maiores tinham como objetivos específicos:

- 1- Facilitar o contato e o desenvolvimento de potenciais criativos no intuito de ampliar a motivação, o autoconhecimento, a expressão de sentimentos e a capacidade relacional;
- 2- Favorecer a melhoria da autoimagem, a compreensão de conteúdos inconscientes e o questionamento de valores;
- 3- Contribuir para a inclusão social dos participantes, aumentando sua autoestima;
- 4- Fazer interlocução com a comunidade, objetivando a construção de sua autonomia, melhoria da qualidade de vida e participação consciente da cidadania;
- 5- Diminuir o estresse dos participantes por meio das atividades propostas.

Um núcleo de atividades desenvolvidas dentro deste projeto referiu-se ao uso de fotografias como recurso para expressar sentimentos e vivências ocorridas, e justamente sobre estas atividades que estaremos relatando a seguir.

A escolha do uso do recurso fotográfico como meio expressivo deve-se ao fato de que a imagem fotográfica possibilita um resgate individual e social. Registrado em um momento da vida, ela servirá como ponto de partida para dar sentido às vivências e experiências nelas refletidas. Ao visualizar as imagens resgatamos na memória as lembranças, emoções e sensações vividas.

Conforme Areuk & Frayze (1995, p.123), “A fotografia [...] revoluciona a memória: multiplica-a e a democratiza, dá-lhe uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. A fotografia traz a imagem congelada do momento, só a pessoa que o vivenciou tem o conhecimento para revelar as peculiaridades, lembranças, sensações e emoções relacionadas ao momento real da foto.

Outro fator que nos levou a escolher o recurso da fotografia foi o fato da linguagem fotográfica poder ser utilizada como forma de construção da autoimagem/autorretrato, utilizados para identificar características de uma época, práticas convencionais, como também aspectos indicadores de transformações pessoais ou sociais.

Em um processo arteterapêutico, a fotografia pode ser explorada de diferentes formas: na confecção do autorretrato a partir de uma cópia da foto escolhida pelos participantes; realizando interferências com pinturas e recortes; remontando a sua imagem, subtraindo ou acrescentando figuras, vestindo fantasias, criando um novo personagem. Seria como criar um cenário com todos os objetos importantes e que de alguma maneira tenham os

traços de sua personalidade formando o seu autorretrato. Para maior compreensão da nossa proposta descreveremos a seguir o desenvolvimento de três atividades.

Metodologia

Este estudo caracterizou-se como qualitativo participante, pois conforme Brandão (2001), por meio dele se busca a plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com o objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes.

Foram atendidas cinco mulheres com idades variando entre 45 a 60 anos, participantes do projeto de extensão: Arteterapia: Instrumento de Transformação Social.

As participantes foram identificadas por iniciais como forma de preservar suas identidades sendo agora apresentadas. A. tem 55 anos, C. 56 anos, M.C. 46 anos, L. 70 anos, I. 67anos e R. 62 anos. Para análise estaremos comentando somente os trabalhos de A. e M.C.

Utilizando o recurso da fotografia foram desenvolvidas três atividades descritas a seguir como forma de compreender-se o desenvolvimento de todo o processo.

As atividades propostas foram desenvolvidas uma vez na semana no Campus I da Universidade Feevale, sala 416 e tiveram a duração de duas horas, de acordo com cronograma estabelecido pela coordenadora do projeto. As atividades utilizaram práticas artísticas e criativas como a colagem, o desenho, a pintura e a modelagem com argila.

A primeira atividade teve como objetivo a composição de um autorretrato. Sugeriu-se que as participantes fizessem uma reflexão sobre: Como você se vê?

Para realizar esta atividade elas escolheram uma foto sua, compuseram seu autorretrato utilizando uma cópia desta foto juntamente com recortes das revistas, imagens e frases que melhor representassem os seus sentimentos (Figuras 1 e 2).

Ao iniciarem a tarefa, mergulharam profundamente nesta reflexão, chamou-nos atenção a dificuldade que elas enfrentaram para desenvolver esta atividade, pois poucas vezes em sua vida elas tiveram oportunidade de parar para pensar como realmente se percebiam.



Fig. 1 - Autorretrato



Fig. 2 - Autorretrato

A segunda atividade tinha como objetivo reforçar a identidade e fortalecer a autoimagem tão carente nos grupos de terceira idade.

Para facilitar a reflexão e desenvolver a criatividade sugerimos os seguintes questionamentos: Agora pense nas fotografias que você trouxe... Qual delas será a escolhida? Pois hoje só poderás escolher uma. Qual a história desta fotografia? Como ela foi tirada? Onde ela foi tirada? O que está acontecendo nela? Que sentimentos esta foto te provoca? Que memórias ou pensamentos te vêm, ao olhar esta foto? Há alguma coisa que você gosta ou não em relação a esta foto? Há alguma coisa que falta nesta foto, que você pensa ou sente que deveria estar aí para ela ser mais completa?

A seguir foi proposto que a partir de uma foto sua, fizessem interferência com o material disponível usando a criatividade para compor a imagem, e assim expressando como elas gostariam de ser vistas daquela data em diante.

A presença do amor nos laços familiares, nas amizades, na comunidade foi o tema que prevaleceu entre as participantes. A lembrança dos momentos prazerosos que ficaram imortalizados pela fotografia trouxe muita satisfação. Elas verbalizaram a importância de colocar amor em tudo que se faz, pois isto tem maior peso sobre os momentos em que nos sentimos tristes. No balanço de sua trajetória de vida até o presente momento, as participantes comprovaram que houve mais alegrias do que tristezas, o que contribuiu para o seu fortalecimento, foi a consagração do amor (Figura 3 e figura 4).

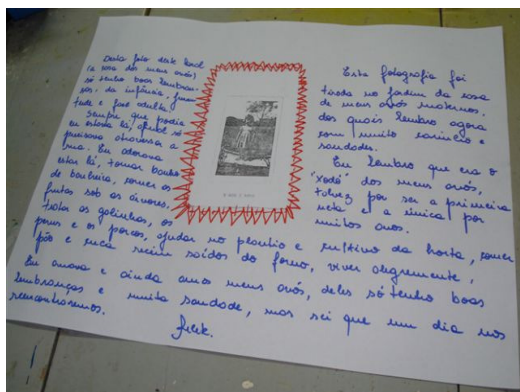


Fig. 3 - Autoimagem



Fig. 4 - Autoimagem

A atividade 3 tinha como objetivo que as participantes reescrevessem a sua história por meio da composição de sua Linha da Vida. Ao iniciar a proposta foi lida a frase: “Estou livre, pois tem muitas coisas que não me servem mais, quero escolher o que quero para o meu futuro”.

Utilizando cópias de fotografias e os demais materiais desenvolveram a atividade. Trabalhando a linguagem literária foi composta de um texto iniciando com a frase seguinte: Minha

disponíveis
sugerida a
vida é como.

MC organizou sua linha da vida com fotos desde a infância, falou das brincadeiras com as irmãs, primos e amigos.

Disse que gostava de fazer pose para ser fotografada. Gostava de esportes na escola. Seguiu as suas regras na vida.

Citou um poeta italiano “Nunca é tarde para tentar o desconhecido, nunca é tarde para ir mais além”.

Quanto ao casamento e separação após 15 anos explica: “Nada de errado com nenhum dos dois, mas cada um com objetivos diferentes”. Lembra-se das duas filhas maravilhosas e que conta com total apoio delas.

Diz estar em busca de crescimento, tem objetivos, sonhos para direcionar a vida e alcançar o mundo, que está a seus pés.

Acredita que o consumo deve estar associado a uma alimentação equilibrada com hábitos saudáveis. Lembra que a feminilidade está nos detalhes e deve ser cultivada todos os dias.

Tenta passar tudo isso que falou e que acredita para as filhas. A fita foi usada para alinhar e costurar a linha da vida e serviu também para unir todos os momentos marcantes de sua vida.

Lembra o filósofo francês François Marie Arouet. “O trabalho poupa-nos de três grandes males: tédio, vício e necessidades”. Como pode ser visto ao lado (figura 5).



Fig. 5 - Linha da Vida

A partir destes estímulos as participantes construíram seus textos. - *Minha vida é como de Maria*, foi como começou o texto escrito por A. e conforme suas palavras:

“Minha vida é como a de Maria, lava roupa todo dia, limpa a casa todo dia, cozinha, passa, esfrega, fazendo todos os dias as mesmas coisas, que não aparecem. Que aos olhos dos familiares não são trabalhos, mas mesmo assim sigo fazendo. Não sou tão rebelde ainda para chutar o balde. Mas não é só isso minha vida. Hoje me dou o tempo que quero e acho que preciso para mim, fazendo as coisas que gosto e me dão satisfação, prazer, alegria. Tenho procurado fazer a minha parte dentro desta sociedade tão conturbada, cheia de vícios, violenta, sem fé, sem objetivos. Tenho sonhos como os que tive ontem e os que terei amanhã. Contudo sou feliz.” (fig.6 e fig.7)

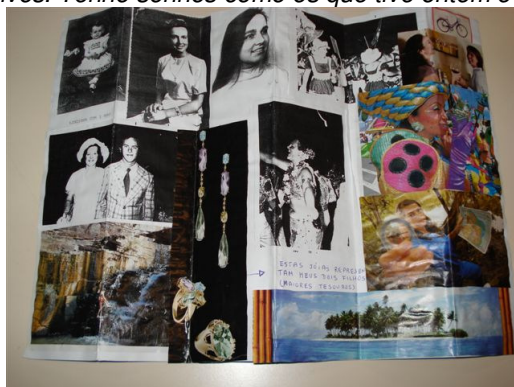


Fig. 6 - Linha da vida



Fig. 7 - Linha da vida

Considerações Finais

Pensando em fazer uma ponte entre o passado e o presente, encontrou-se neste material uma proposta para refazer o percurso da história das participantes do atelier terapêutico. Olhando e revivendo estes momentos percebeu-se que emoções afloram muitas vezes interferindo no presente e, assim, propusemos dar um novo significado a história destas senhoras, dentro do espaço terapêutico.

Todas estas atividades possibilitaram oportunidade de discussão entre o eu – hoje e o eu – ontem.

Conforme relato de uma das participantes, ao observar fotos de sua juventude, as memórias remeteram-na ao tempo em que possuía sonhos os quais no decorrer da vida, nem todos pode realizar.

Analisando sua vida, por meio do trabalho realizado no atelier terapêutico, percebeu agora que alguns destes sonhos poderão ainda se realizar dependendo, porém de novas atitudes que venham a ser tomadas por ela mesma.

O momento de reflexão que o manuseio com a fotografia proporcionou, fez com que as participantes renovassem seus ideais, estipulando novas metas para alcançarem. Devido aos questionamentos, as participantes se propuseram a remodelar o seu próprio comportamento diante de certas situações, tornando-se mais integradas consigo mesmas e com a sociedade.

Comprovamos, portanto, que mais uma vez a Arteterapia pôde funcionar como instrumento tanto de transformação pessoal como social.

Referências

AREUK, M. E; FRAYZE, J. A. *Identidade e fotografia: encontro frutífero*. São Paulo, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, III Congresso Interno do Instituto de Psicologia, IP/USP, 1995.

CIORNAI, S. (Org.) *Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia e supervisão em Arteterapia*. São Paulo: Summus, 2004.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

3 – ARTETERAPIA EMPRESARIAL: TRABALHANDO EQUIPES COMPETITIVAS¹²

Sonia Branco¹³

Resumo: O presente artigo tem por finalidade demonstrar a eficácia e os recursos facilitadores que encontramos por meio da utilização da Arteterapia no ambiente empresarial visando à melhoria dos relacionamentos internos desenvolvidos, e a preservação do processo de individuação de cada personagem dentro do grupo de trabalho, amenizando as pressões do dia-a-dia e as possibilidades de rivalidade construídas no ambiente competitivo, além de facilitar e promover a melhoria da comunicação intergrupal.

Palavras-chaves: Arteterapia; Equipes competitivas; Treinamento; RH.

Enterprise and art therapy: working competitive teams

Abstract: The present article has inside for purpose to demonstrate the effectiveness and the facilitative resources that we found through the use of the art-therapy in the business atmosphere seeking the improvement of the developed internal relationships, and the preservation of the process of each individual's individuation of the work group, softening the pressures of the day by day and the rivalry possibilities built in the competitive atmosphere, besides to facilitate and to promote the improvement of the communication intergrupal.

Key Words: Art therapy; Competitive teams; Training; Human Resources.

Arteterapia en las empresas: equipos competitivos de trabajo

Resumen: El actual artículo tiene para el propósito de demostrar a la eficacia y a los facilitadores de los recursos que encontramos con el uso del Arteterapia en el ambiente de la empresa que tiene como objetivo a la mejora de las relaciones internas desarrolladas, y la preservación del proceso del individuación de cada uno interior individual del grupo de trabajo, aclarando encima de la posibilidad construida y ejerce presión sobre el día-por-día de la rivalidad en el ambiente competitivo, más allá de facilitar y de promover la mejora de la comunicación intergrupal.

Palabras clave: Arteterapia; Equipos competitivos; Recursos humanos.

Caminhos do Coração (Gonzaguinha - trecho)

*E aprendi que se depende sempre
De tanta muita diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que a gente pense estar*

Introdução

¹² Instituição: Roda do Conhecimento

¹³ Possui graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Estácio de Sá (1982), especialização em Arteterapia em Educação e Saúde pela Universidade Cândido Mendes (2005) e formação em Arteterapia por Ms. Maria Cristina Urrutigaray (2005). Tem experiência na área de Fonoaudiologia, com ênfase em Fonoaudiologia Escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: Arteterapia, desenvolvimento pessoal, fonoaudiologia, desenvolvimento da linguagem, educação especial, construção de linguagem e contos de fada. É pesquisadora nas áreas de mitologia grega e contos de fada. Eventualmente ministra aulas e palestras nas Universidades Santa Úrsula e Instituto a Vez do Mestre à convite do professor titular. É coordenadora do Projeto Roda do Conhecimento e Co-autora do livro CONTOS DE FADA - vivências e técnicas em Arteterapia e autora do livro CONTOS DE FADA - A INTERFERÊNCIA DO OLIMPO. Autora e Tutora dos cursos de EAD poela GPEC On line, todos voltados para Educação e Arteterapia. Ministra cursos e Oficinas. E-mail: sm.branco@ig.com.br

Em todo ambiente empresarial onde existe uma equipe envolvida no crescimento da instituição por meio das relações entre o cliente interno – a equipe de vendas – e a conquista de mercado, cria-se uma atmosfera de rivalidade e a possibilidade de ruídos na comunicação e nas relações intergrupais se estabelecem, criando um clima tenso e a desconfiança dentro da equipe, sua função dentro dela e seu papel como indivíduo, sujeito social.

A Arteterapia é um processo terapêutico que utiliza o recurso expressivo a fim de conectar os mundos internos e externos do indivíduo, por meio de sua simbologia. É a arte livre, unida ao processo terapêutico, que transforma a Arteterapia em uma técnica especial.

Ela integra, no contexto psicoterapêutico, mediadores artísticos, originando uma relação particular entre o sujeito (criador), o objeto de arte (criação) e o terapeuta. O recurso à imaginação, ao simbolismo e a metáforas enriquece e incrementa o processo.

"Arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida" (Jung, 1920).

Como toda instituição, as empresas são constituídas de relacionamentos de indivíduos sociais, que trazem para o ambiente corporativo, seus medos, seus anseios, suas sombras e suas *personas*, mas principalmente, sua psique.

A Arteterapia, como mediadora do processo de individuação (a busca do encontrar a si mesmo e se relacionar com o ambiente que o cerca), facilita as relações do grupo, respeitando as características pessoais e modera as crises baseadas na confiança, na comunicação e na relação intergrupo.

Usaremos aqui, para exemplificar, um trabalho desenvolvido com grupo com proposta de solução das problemáticas: a competitividade, a confiança e a melhoria do trabalho em equipe.

Neste exemplo, foi realizado um treinamento de 8 horas, realizado em apenas um dia, visando a melhoria das relações verbais da equipe de vendas no ramo da hotelaria. Foram utilizadas dinâmicas, textos e contos, bem como atividades artísticas para desenvolver o trabalho, assim composto em sua logística:

Café da Manhã
Gerência de Vendas da Empresa
Dinâmica de Apresentação do grupo – A Teia de relações
Início das Atividades – A mulher de Oslo
Revelando sentimentos e sensações
O Coffee Break acontece simultaneamente à esta atividade, pois tem-se 1 hora para sua realização e não poderão se ausentar da sala neste período.
Reflexões
Dinâmica de trabalho em equipe – casa/morador/terremoto
Reflexões
Encerramento da primeira etapa (datashow)
Almoço
Filme – desenho A linda voz de Donald
Apresentação datashow
Contando um conto – As Fadas
Reescrevendo e apresentando a história (teatro de marionetes)
Distribuição dos personagens. Construção dos bonecos e dos cenários. Encenação.
O Coffee Break acontece simultaneamente à esta atividade, pois tem-se 2 horas para sua realização e não poderão se ausentar da sala neste período.
Reflexões
Receita de um bom trabalho em grupo
Confraternizando

A equipe demonstrou, num primeiro momento, possuir um vínculo afetivo que as motivava ou não, a executar sua tarefa com empenho. Quando as questões reflexivas foram levantadas, apareceram as dificuldades pessoais que levavam o grupo às dificuldades de realização e cumprimento dos objetivos da empresa.

A Arteterapia foi utilizada com o propósito de agregar os valores e habilidades pessoais em prol do grupo; diagnosticar os focos problemáticos e verificar a adequação de cada indivíduo em sua posição/função, dentro da

equipe; e proporcionar a melhoria do olhar individual em relação à equipe de maneira a facilitar o processo de crescimento do indivíduo dentro da equipe, e conseqüentemente da equipe dentro da Instituição.

Caso – Equipe de vendas no ramo da hotelaria

Dentro da logística apresentada anteriormente, discutiremos as atividades, seus objetivos e seu desenvolvimento.

O Café da Manhã foi utilizado para amenizar a tensão inicial e as amarras pessoais, facilitando o contado entre os participantes e a mediadora, e proporcionando uma observação de cada indivíduo num ambiente descontraído.

A Gerência de Vendas da Empresa fez uma apresentação de abertura, falando dos objetivos corporativos da equipe e do desempenho dela durante o primeiro ano da sua formação, bem como trazendo a expectativa de metas a serem cumpridas para o próximo ano vindouro. (o treinamento foi realizado em dezembro).

Já na sala de reuniões, após a retirada da gerência de vendas, foi realizada uma Dinâmica de Apresentação do grupo – A Teia de relações – onde cada membro da equipe deveria se apresentar e falar de suas funções e suas expectativas em relação à instituição.

Iniciamos as atividades de Arteterapia com o conto – A mulher de Oslo, de Eduardo Galeano, do Livro dos Abraços –

“Marcela esteve nas neves do Norte.

Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta.

Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papeizinhos, como quem lê a sorte de soslaio.

Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhas. Dos bolsos vai tirando papeizinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma boa história para ser contada, uma história de fundação e fundamento e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte de bruxaria. E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundidades desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai”.

- foi solicitado a cada um que buscasse na memória, alguma pessoa que tivesse representado o papel da Mulher de Oslo, num processo de revelação dos sentimentos e sensações. Durante o contar da história, a mediadora usou uma saia, cheia de papéis com emoções escritas. Cada participante deveria retirar um papel, refletir sobre essa emoção e fazer uma atividade plástica, com qualquer material plástico (giz de cera, lápis de cor, aquarela, tinta guache, argila, etc.) transformando essa emoção em uma cena do seu cotidiano.

Os participantes tinham 1 (uma) hora para desenvolver sua atividade, individualmente, e após o grupo se reuniu novamente, para fazer uma reflexão sobre os sentimentos envolvidos sobre esta atividade. Os trabalhos



foram expostos e cada participante escolheu o que mais lhe chamava a atenção e falou sobre ele. Os trabalhos foram misturados de forma a que fossem escolhidos trabalhos que não fossem os seus para reflexão e compreensão dos sentimentos alheios. Cada trabalho foi exposto sem identificação para não ser submetido à

críticas ou avaliações da qualidade do fazer artístico, mas sim, foi-se proposto discutir a intenção do sentimento proposto.

A atividade seguinte foi também uma dinâmica, onde se tinha por objetivo avaliar a escuta dos participantes e como estes realizavam as tarefas pedidas. Esta dinâmica foi chamada de – casa/morador/terremoto. Foi pedido que cada um falasse das suas dificuldades na realização da dinâmica.



Após o almoço, foi apresentado o desenho **A linda voz de Donald**, seguido de apresentação em data show sobre o tema: **A Qualidade da Voz e sua interferência na comunicação**. Aqui os participantes puderam compreender o efeito da qualidade da voz falada na compreensão da mensagem pelo interlocutor e de que forma poderíamos nos valer desta voz para melhorar nosso desempenho na equipe, na busca dos objetivos e metas propostos pela instituição e no desenvolvimento das relações intergrupais. Foi aberto para perguntas e debate sobre o assunto.

Após a apresentação teórica e discussão, foi proposta uma atividade baseada num conto chamado **As Fadas**. Este conto fala exatamente da riqueza e da qualidade da comunicação e como isso influencia as pessoas que nos cercam estimulando sentimentos positivos e negativos no interlocutor.

Era uma vez uma viúva que tinha duas filhas.

A mais velha se parecia tanto com ela, no humor e de rosto, que quem a via, enxergava a própria mãe. Mãe e filha eram tão desagradáveis e orgulhosas que ninguém as suportava.

A filha mais nova, que era o retrato do pai, pela doçura e pela educação, era, ainda por cima, a mais linda moça que já se viu.

Como queremos bem, naturalmente, a quem se parece conosco, essa mãe era louca pela filha mais velha. E tinha, ao mesmo tempo, uma tremenda antipatia pela mais nova, que comia na cozinha e trabalhava sem parar como se fosse uma criada.

Tinha a pobrezinha, entre outras coisas, de ir, duas vezes por dia, buscar água a meia légua de casa, com uma enorme moringa, que voltava cheia e pesada.

Um dia, nessa fonte, lhe apareceu uma pobre velhinha, pedindo água:

- Pois não, boa senhora - disse a linda moça.

E, enxaguando a moringa, tirou água da mais bela parte da fonte, dando-lhe de beber com as próprias mãos, para auxiliá-la.

A boa velhinha bebeu e disse:

- Você é tão bonita, tão boa, tão educada, que não posso deixar de lhe dar um dom .Na verdade, essa mulher era uma fada, que tinha tomado a forma de uma pobre camponesa para ver até onde ia a educação daquela jovem.

- A cada palavra que falar - continuou a fada -, de sua boca sairão uma flor ou uma pedra preciosa.

Quando a linda moça chegou a casa, a mãe reclamou da demora.

- Peço-lhe perdão, minha mãe - disse a pobrezinha -, por ter demorado tanto.

E, dizendo essas palavras, saíram-lhe da boca duas rosas, duas pérolas e dois enormes diamantes.

- O que é isso? - disse a mãe espantada -, acho que estou vendo pérolas e diamantes saindo da sua boca. De onde é que vem isso, filha? Era a primeira vez que a chamava de filha.

A pobre menina contou-lhe honestamente tudo o que tinha acontecido, não sem pôr para fora uma infinidade de diamantes.

- Nossa! - disse a mãe -, tenho de mandar minha filha até a fonte.

- Filha, venha cá, venha ver o que está saindo da boca de sua irmã quando ela fala; quer ter o mesmo dom? Pois basta ir à fonte, e, quando uma pobre mulher lhe pedir água, atenda-a educadamente.

- Só me faltava essa! - respondeu a mal-educada- Ter de ir até a fonte!
 - Estou mandando que você vá - retrucou a mãe -, e já.
 Ela foi, mas reclamando. Levou o mais bonito jarro de prata da casa.
 Mal chegou à fonte, viu sair do bosque uma dama magnificamente vestida, que veio lhe pedir água.
 Era a mesma fada que tinha aparecido para a irmã, mas que surgia agora disfarçada de princesa, para ver até onde ia a educação daquela moça.
 - Será que foi para lhe dar de beber que eu vim aqui? - disse a grosseira e orgulhosa. - Se foi, tenho até um jarro de prata para a madame! Tome, beba no jarro, se quiser.
 - Você é muito mal-educada - disse a fada, sem ficar brava.
 - Pois muito bem! Já que é tão pouco cortês, seu dom será o de soltar pela boca, a cada palavra que disser, uma cobra ou um sapo.
 Quando a mãe a viu chegar, logo lhe disse:
 - E então, filha?
 - Então, mãe! - respondeu a mal-educada, soltando pela boca duas cobras e dois sapos.
 - Meu Deus! - gritou a mãe -, o que é isso? A culpa é da sua irmã, ela me paga. E imediatamente ela foi atrás da mais nova para espancá-la.
 A pobrezinha fugiu e foi se esconder na floresta mais próxima.
 O filho do rei, que estava voltando da caça, encontrou-a e, vendo como era linda, perguntou-lhe o que fazia ali tão sozinha e por que estava chorando.
 - Ai de mim, senhor, foi minha mãe que me expulsou de casa.
 O filho do rei, vendo sair de sua boca cinco ou seis pérolas e outros tantos diamantes, pediu-lhe que lhe dissesse de onde vinha aquilo.
 Ela lhe contou toda a sua aventura. O filho do rei apaixonou-se por ela e, considerando que tal dom valia mais do que qualquer dote, levou-a ao palácio do rei, seu pai, onde se casou com ela.
 Quanto à irmã, a mãe ficou tão irada contra ela que a expulsou de casa. E a infeliz, depois de muito andar sem encontrar ninguém que a abrigasse, acabou morrendo num canto do bosque.

Foi pedido ao grupo que cada um escolhesse um personagem para reproduzir em forma de marionetes planas. Os que sobram deviam construir o cenário para que os outros pudessem apresentar uma nova versão da história, baseado nas experiências vividas pela equipe em seu dia-a-dia.



O grupo pode, então, perceber quais eram exatamente as dificuldades existentes na relação entre seus participantes e discuti-las a fim de encontrar soluções e estabelecer metas e regras de convivência e desenvolvimento de trabalho. O grupo pediu que o treinamento fosse levado às outras equipes da instituição, pois o trabalho também era prejudicado pelas dificuldades existentes em outros departamentos da instituição.

Para finalizar foi apresentada uma **Receita de um bom trabalho em grupo**, onde os participantes



puderam se confraternizar.



Conclusão

Pudemos perceber, durante todo o processo e nas reflexões e avaliação final do trabalho, que a equipe apresentava uma visão particular sobre suas funções e seu relacionamento com o grupo, que não correspondia aos objetivos e interesses da Empresa.

Dentro deste panorama, a chefia optou em reescalonamento dos indivíduos, trocando alguns de função e levando outros ao treinamento específico voltado para negociações e relacionamento com o cliente externo.

Também foi registrada a dificuldade do grupo em obter informações mais precisas de outros departamentos da Instituição, fazendo com que, as negociações ficassem atrasadas por falta destas informações, quais são: valores negociados e aprovação dos mesmos, para repasse ao cliente; confirmação de datas e quantidades para fechamento de eventos e grupos, dentre outros.

De uma forma geral, as dificuldades e impasses que existiam foram solucionadas com a Arteterapia, fazendo com que este grupo encontrasse seu perfil e sua identidade, e selasse um “pacto” de cooperação e compreensão mútuas, levando à compreensão das dificuldades e a vontade de cada um em transmutar e participar das transformações exigidas para o bom andamento do trabalho e o alcance dos objetivos propostos pela Empresa.

Referências

BRANCO, S.; MEDEIROS, A. *Contos de fada: vivências e técnicas em Arteterapia*. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

GALEANO, E. *O livro dos abraços*. L & PM Editores. 2005.

JUNG, C. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964, 210170 impressão. RJ

LIEBMANN, M. *Exercícios de arte para grupos*. São Paulo: Summus, 2000.

YOZO, R. Y. *100 Jogos para grupos*. São Paulo: Agora, 1995.

ARTIGO DE REVISÃO

4 - A ANIMA E O IMAGO DEI- UM OLHAR JUNGUIANO SOBRE A EXPRESSÃO SIMBÓLICA DE ISMAEL NERY¹⁴

Alcimar Veiga Lima de Melo¹⁵
Ana Carolina Falcone Garcia¹⁶
Tatiana Fecchio Gonçalves¹⁷

Resumo: Neste trabalho busco confrontar as obras de Ismael Nery com as teorias de C. G. Jung. Os diversos auto-retratos analisados foram realizados no decorrer das décadas de 20 e de 30, período de grande profusão artística no Brasil. Neste momento surgem aqueles que serão posteriormente considerados os maiores artistas nacionais, como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Portinari e tantos outros. Ismael Nery também é um artista reconhecido deste período e tem uma grande importância para o cenário artístico nacional, embora não seja muito conhecido pelo grande público. Este trabalho vem contribuir com o relato sobre uma forma possível de análise da produção de um ser que se manifesta a partir de diversos aspectos, talvez orais e dos quais não haja registro, mas certamente na escrita e na pintura de forma simbólica, o que possibilita compreender a psique proposta por C. G. Jung acerca do indivíduo.

Palavras-chave: Ismael Nery; Anima; Imago Dei; Jung e Modernismo.

Anima and imago dei-one to look at junguiano on the symbolic expression of Ismael Nery

Abstract: In this work I search to collate the workmanships of Ismael Nery with the theories of C.G. Jung. The diverse analyzed selves-portrait had been carried through in elapsing of the decades of 20 and 30, period of great artistic profusion in Brazil. At this moment those appear that later will be considered the biggest national artists, as Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Portinari and as much others. Ismael Nery also is a recognized artist of this period and has a great importance for the national artistic scene, very is even so not known by the great public. This work comes to contribute with the story on a possible form of analysis of the production of a being that if manifest from diverse aspects, perhaps you pray and of which does not have register, but certainly in the writing and the painting of symbolic form, what it makes possible to understand psique proposal for C.G. Jung concerning the individual.

Word-Key: Ismael Nery; Anima; Imago Dei; Jung and Modernism.

Anima y imago dei- una mirada junguiana en la expresión simbólica del Ismael Nery

Resumen: En este trabajo que busco para compaginar los workmanships de Ismael Nery con las teorías de C.G. Jung. El uno mismo-retrato analizado diverso había sido llevado a través en el transcurso de las décadas de 20 y 30, período de la gran profusión artística en el Brasil. En este momento los aparecen que más adelante serán

¹⁴ Este artigo é parte da minha monografia de pós-graduação em Arteterapia, sob a orientação de Ana Carolina Falcone Garcia e co-orientação de Tatiana Fecchio Gonçalves, apresentada à Universidade São Marcos - Campus Paulínia, em 24 de março de 2007.

¹⁵ Artista Plástica, formada pela UNICAMP em 2001, Arte Educadora, especialista em Arteterapia, formada pela Universidade São Marcos, em 2007. Rua Antônio Guimarães, 85/11, Botafogo, Campinas, São Paulo. Tel: 19-3342-3910. E-mail: cissa.veiga@yahoo.com.br

¹⁶ Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Especialista em Farmacodependência pela UNIFESP e Especialista em Sexualidade Humana pela UNICAMP; Professora de Psicologia Analítica do curso de Especialização em Arteterapia da Universidade São Marcos, Campus Paulínia. Email: acfalcone2004@yahoo.com.br

¹⁷ Doutora em Artes/ Unicamp (FAPESP) com estágio sanduíche PDEE na Wellcome Trust Centre for the History of Medicine/ UCL Londres (CAPES); Mestre em Artes/ Unicamp (2004); Bacharel e Licenciada em Educação Artística/ Unicamp (2001). Especialista em Arteterapia/ Unicamp (2003) e especialista em Artes e Novas Tecnologias na Universidade de Brasília/ UnB (2005). Membro dos grupos de Pesquisa: Transferência Cultural entre Europa e América Latina (IA/ Unicamp) e Desenvolvimento, Linguagem e Práticas Educativas (FCM/ Unicamp). E-mail: tati.fecchio@gmail.com

consideradas los artistas nacionales más grandes, como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, de Mário de Andrade, de Portinari y de tantos otros. Ismael Nery también es artista reconocido de este período y tiene una gran importancia para la escena artística nacional, muy sin embargo no es sabido por el gran público. Este trabajo viene contribuir con la historia en una forma posible de análisis de la producción de un que si es manifiesto de aspectos diversos, quizás tú ruegue y de cuál no tiene registro, pero ciertamente en la escritura y la pintura de la forma simbólica, qué hace posible entender la oferta del psique para C.G. Jung referente al individuo.

Palabras clave: Ismael Nery; Anima; Imago Dei; Jung y Modernismo.

Introdução

Ismael Nery foi um artista brasileiro atuante nas primeiras décadas do século XX. Participante do Modernismo teve sua carreira interrompida pela tuberculose aos trinta e três anos.

Suas obras são de cunho autobiográfico, sobretudo seus auto-retratos, o que me levou a analisá-las sobre o ponto de vista da Psicologia Analítica, principalmente no que diz respeito ao conceito de *anima*, que será discutido no decorrer do texto.

A idéia inicial era buscar os símbolos mais presentes em suas pinturas e desenhos, confrontando-os com aqueles definidos e estudados por C.G. Jung, um dos maiores estudiosos das questões humanas e que desenvolveu uma profunda pesquisa acerca do inconsciente, das formas de relação do sujeito com o mundo e consigo próprio.

Segundo Jung, o nosso inconsciente se manifesta por meio de símbolos, os quais podem ser tanto pessoais quanto arquetípicos. Os arquétipos, segundo ele, são tendências herdadas ao longo da história da humanidade cujas representações presentes no nosso inconsciente independem de cultura e de tempo. As formas com que eles se manifestam ocorrem por meio das imagens ou símbolos arquetípicos.

Para ele, o símbolo se manifesta com sentido diferente para cada pessoa. Cada indivíduo terá uma simbologia própria, com significados próprios e estes podem ter ou não uma relação com aqueles que fazem parte de nosso universo cultural.

No caso de Ismael Nery, o símbolo se torna perceptível por meio das características ambíguas presentes nos seus auto-retratos. À medida que as obras foram sendo vistas e estudadas, percebi que havia muitos símbolos que evidenciavam possibilidades de análise por meio da Psicologia Analítica, sendo um dos principais deles, a questão da *anima*.

Por vezes, Ismael parece tão dominado por suas características femininas, as quais Jung chama de *anima*, que estas se apresentam de forma mais acentuada que sua própria figura masculina, ou sua *persona*, forma pela qual nos mostramos aos outros.

Neste sentido, os relatos pessoais deixados por ele, principalmente a partir de poesia, vão ajudar a compreender esta mente tão complexa e tão antagônica.

Metodologia

Para este estudo, utilizei três fundamentações para a compreensão de algumas características percebidas no conjunto de obras do autor:

1. A primeira será a Psicologia Analítica, fornecendo elementos sobre questões simbólicas,
2. A segunda, as Artes Plásticas, auxiliando-nos na descrição dos trabalhos e percepções sobre sua fatura e construção,
3. Por fim, a Arteterapia, fornecendo elementos que fundamentam o fazer deste artista e a relação desta produção como uma projeção ou exteriorização de conteúdos internos.

É preciso que se entenda que a palavra Arteterapia aqui neste contexto, não está relacionada ao par terapeuta/cliente, necessário para que a Arteterapia aconteça. O termo é utilizado porque as análises feitas sobre a obra do artista levam sempre em conta o seu universo pessoal e buscam relacionar os aspectos biográficos a sua produção. A Arteterapia possibilita também a união dos universos destas duas personalidades: Jung e Ismael que não tiveram, até aqui, suas obras relacionadas de forma direta. É por meio do olhar arteterapêutico que as questões do inconsciente e da vida do artista adquirem interesse ao depararmos-nos com sua obra. As questões formais da arte, tais como linha, forma e cor, dão lugar às características ambíguas e subjetivas passíveis de abordagem na Arteterapia, surgidas tão somente a partir do olhar de quem as vê.

As dificuldades de encontrar referências bibliográficas sobre Ismael Nery e obras literárias que falem exclusivamente de sua produção levaram-me a uma análise bastante pessoal a respeito de sua produção artística, uma vez que não foi possível o confronto entre diversos críticos de arte.

Discussão

A influência da família na obra de Ismael é bastante significativa. Seu pai morre em 1909, pouco depois da ida da família para o Rio de Janeiro, vinda de Belém. Ismael tinha à época 9 anos de idade. Em 1918, perde seu único irmão, João, vítima da gripe espanhola. Em Ismael Nery - Além do Espaço e do Tempo, Denise Mattar nos conta que a mãe do artista enlouquecera após a perda do marido e a morte prematura do filho, chamava a si própria de Irmã Verônica e vestia o hábito da Ordem Terceira de São Francisco.

Ismael acreditava que o homem deve assimilar todas as influências do passado e confrontá-las com sua experiência pessoal, transformando-as bem como a si próprio.

Casou-se com Adalgisa Nery, em 1922, quando esta tinha 16 anos. Ficou casado até a sua morte, e com ela teve dois filhos, Ivan e Emanuel. Dona de uma beleza incomum, Adalgisa foi um dos temas favoritos do artista.

Nery fez duas viagens a Paris, uma em 1921 e outra em 1927. Na primeira delas, não entrou em contato com os artistas de vanguardas ou, se o fez, não lhe chamaram a atenção.

Já em 1927, o efeito da modernidade não só se fez presente, como encontrou em Ismael um nobre reperçussor de suas idéias.

A época, a qual chamamos Modernismo, foi um período de contestação aos valores academicistas vigentes de então, como ocorreu tantas outras vezes na História da Arte. Mas aqui, as rupturas aconteceram em larga escala e a arte teve todos os seus preceitos alterados.

Entre os anos citados, começaria a batalha pela transformação dos meios técnicos da arte. É nesta fase que surgem no meio artístico, as obras de Ismael Nery.

Seus desenhos e suas pinturas começaram a despertar o interesse, sobretudo dos jovens pintores modernistas. Inserido no Modernismo, Ismael foi um dos seus maiores expoentes. Sabe-se que o Modernismo no Brasil não ocorreu de maneira coletiva, mas abarcou os jovens artistas e, aos poucos, fez deslanchar um processo que se estendeu até a década de 50.

Ismael Nery, assim como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, por exemplo, fez parte do primeiro grupo que rompeu com os cânones acadêmicos vigentes até então. Estes artistas não estavam unidos em torno de uma forma comum de pensar ou de fazer arte. Ao contrário, eram díspares estilisticamente, ou seja, suas obras não possuíam semelhanças visíveis, nem de tema, nem de estilo. O que os unia era a negação ao que vinha sendo feito até então. Ou seja, apesar de estilos diferentes, todos eles negavam o academismo e suas obras estilisticamente conservadoras. A esposa de Nery foi sua grande musa, tendo realizado alguns retratos seus, como “Retrato de Adalgisa” (fig.1) e em algumas outras obras aparecerá ao lado dela, como em “Adalgisa e o Artista” (fig.2).

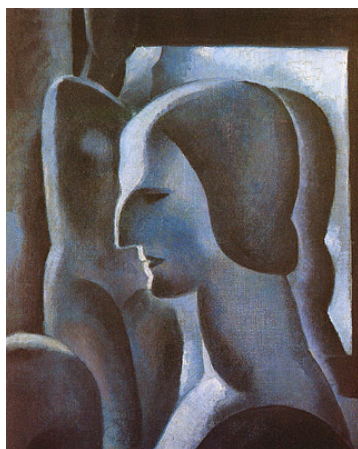


Fig. 1 - Retrato de Adalgisa, 1924



Fig. 2 - Adalgisa e o Artista, 1930

Mas talvez tenha sido a de Chagall, a maior influência na obra de Ismael Nery. Seu encontro com Chagall aconteceu, no ano de 1927, em Paris. Levava um bilhete de apresentação para Chagall, mas o esquecera e perdeu-se no emaranhado daquelas ruas. Quando encontrou a casa do artista, cheia de quadros no jardim, falou de maneira tão efusiva que o pintor imediatamente se tornou seu amigo, mostrando-lhe todos os trabalhos que tinha em casa.

Entre 1927 e 1929, Ismael produziu uma série de desenhos e aquarelas com forte influência do amigo russo, mas sem nunca esquecer da união destas características, com aquelas próprias do lirismo brasileiro. Ele soube exprimir a nossa brasilidade, tão em voga no período, de uma forma livre, como se pudesse “andar na lua”. Entre tantos trabalhos desta fase, há uma aquarela na qual se vê Ismael sobrevoando a baía de Guanabara de mãos dadas com uma mulher nua. Fazendo uma primeira ligação com Jung, podemos pensar nesta obra, como

sendo esta mulher uma representante da *anima* de Ismael, transparente, feminina, a qual o conduz a um céu de possibilidades e de liberdade criadora (fig.3).



Fig. 3 - Como meu amigo Chagall, 1922

Em 1931, internou-se com tuberculose no Sanatório Correias, nas proximidades de Petrópolis, onde ficou por mais de 2 anos.

A partir de 1930, os temas utilizados pelo artista adquirem certa gravidade ao mesmo tempo em que sua técnica se aprofunda. Suas imagens ficam mais densas, as cores adquirem uma palheta mais pesada, proveniente talvez, da sua doença.

Segundo Denise Mattar, a doença de Ismael fez com ele mudasse sua forma de representação. Ele usa o corpo como meio de expurgação de sua doença. E isso é fato comum na História da Arte, basta tomarmos como exemplo, Frida Kahlo, artista mexicana que sofre, ainda bem jovem, um acidente o qual a deixa com graves seqüelas nas pernas e nas bacias. Sua produção revela toda a sua dor e sua consciência acerca de si mesma.

Além de pintor, Ismael foi poeta e em seus poemas também podemos ver seu modo peculiar de religiosidade, apontando para um sincretismo até então pouco comum à sociedade da época. Aos 25 anos de idade cria um sistema filosófico, denominado Essencialismo por seu amigo Murilo Mendes. Ismael viveu sua filosofia de vida sensibilizando seus amigos a respeito de Cristo, em uma época que a religião era considerada ultrapassada.

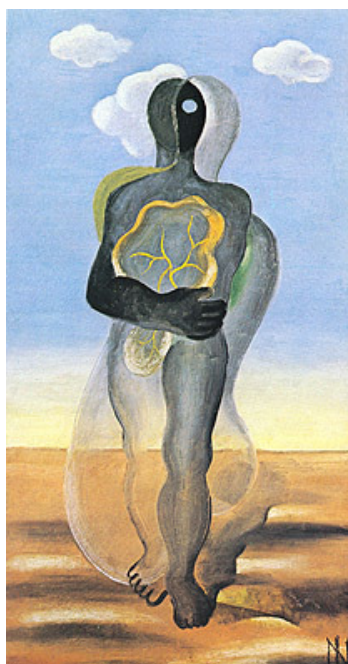


Fig. 4 - Essencialismo, ca. 1931

Esta imagem retrata este sistema que tem como princípios básicos: a reunião dos opostos, pois para Nery a androginia era inerente ao ser humano; além da abstração do tempo, ou seja, presente, passado e futuro estariam compreendidos em um único plano, sem a idéia de espaço. Para ele, o essencialismo era uma preparação para o catolicismo, uma vez que após estar iniciado na religião católica, o indivíduo não necessitaria mais da filosofia essencialista. Mas este sistema favoreceria a compreensão acerca da existência.

Podemos entender melhor o essencialismo a partir de trechos do poema Eu:

Eu sou a tangência de duas formas opostas e justapostas
 Eu sou o que não existe entre o que existe.
 Eu sou tudo sem ser coisa alguma.
 Eu sou o amor entre os esposos,
 Eu sou o marido e a mulher,
 Eu sou a unidade infinita
 Eu sou um deus com princípio
 Eu sou poeta!

E mais adiante:

Eu sou o sucessor do poeta Jesus Cristo
 Encarregado dos sentidos do universo.
 Eu sou o poeta Ismael Nery
 Que às vezes não gosta de si.

Considerar um ser divino como sendo ao mesmo tempo homem e mulher, não é uma crença católica, mas sim própria de outras religiões, como nas orientais ou naquelas ditas pagãs, por exemplo.

Jung também buscou referências em várias religiões, a fim de compreender a sua influência não só no modo de vida das sociedades, mas também na formação da nossa psique. Será que Nery, apesar da pouca idade, teria atingido um elevado desenvolvimento psíquico, a ponto de sentir Deus como pertencente a ele mesmo? Entendendo que o *Self* pode ser representado simbolicamente por Deus, o criador e orientador de tudo, qual será o Deus de Ismael? O Deus espiritual ou este símbolo do *Self*? A imagem de Deus, tanto abordada na obra de Ismael, pode ser também compreendida como uma expressão do *Self*. A religião, no caso dele, influenciou não só o seu modo de vida, mas também sua obra. Portanto, a religiosidade de Ismael pode ser mais uma vez, explicada a partir da teoria analítica junguiana.

Esta nova maneira de ver o mundo encontrou paralelo em sua pintura no Surrealismo, movimento que propõe uma nova construção da realidade ou uma realidade paralela, sem abandonar o maneirismo academicista de então e que teve como grande idealizador, o poeta francês, André Breton.

O Surrealismo sempre teve suas idéias ligadas à psicanálise. Utilizava em sua metodologia, muitos dos processos criados por Freud no tratamento de seus pacientes.

O automatismo, por exemplo, era um método bastante utilizado pelos artistas surrealistas como tentativa de expressão pura do inconsciente. Miró declarara uma vez a respeito do automatismo que começa a pintar e o quadro surgia sob o seu pincel e a tinta era espalhada de forma aleatória. Tentava-se excluir qualquer sentido de certo e errado, e as imagens eram construídas sem que se pensasse muito sobre o que estava sendo feito.

Mas a mais importante das características do surrealismo foi sem dúvida, a pintura onírica. Nestas pinturas, predomina a técnica ilusionística e não necessariamente são registros de sonhos. Freud dizia que os sonhos eram a forma que o inconsciente tinha de externalizar tudo o que estava reprimido, pois no sonho não haveria regras e nele tudo poderia acontecer. Esta definição de sonho como algo reprimido no nosso inconsciente, difere daquela formulada por Jung, na qual o sonho é sim a manifestação do inconsciente, mas não só daquilo que está reprimido.

Segundo Jung os sonhos podem ser manifestações de desejos, mas eles também podem exprimir coisas mais amplas, tais como as representações do inconsciente sob forma simbólica.

Deste modo é possível que haja uma grande diferença na forma de analisar as obras de um artista, dependendo de como abordamos a sua produção. No caso deste estudo, a análise das obras de Ismael sob o ponto de vista junguiano, pode ser bastante diferente daquele realizado sob o ponto de vista freudiano. Há a possibilidade de ocorrerem diferenças de interpretação em função de uma nova abordagem, o que pode ser comprovado nesta breve discussão sobre a questão do sonho. Este fato apenas reforça uma das características essenciais da obra de arte como sendo polissêmica.

Podemos perceber algumas características surrealistas na obra de Ismael, a partir do "Auto-retrato", de 1927, no qual vemos uma realidade imaginária, com figuras aparentemente desconexas, que em uma situação mais realista não poderiam estar juntas (fig.5).



Fig. 5 - Auto-retrato, 1927

Nele, Ismael está sentado em um banco e podemos ver ao fundo o Pão-de-Açúcar e a Torre Eiffel, ambos se transformarem em dois rostos que beijam a face do artista.

Jung vê a imagem não apenas como a expressão ou retrato de um objeto exterior, mas como uma *representação “oriunda da linguagem poética, ou seja, a imagem da fantasia que se relaciona indiretamente com a percepção do objeto externo”* (JUNG, 1971, p.417 § 827). A imagem é para Jung um “produto homogêneo, concentrado e autônomo” expressa uma situação momentânea tanto consciente quanto inconsciente. Pode ainda surgir de material derivado do inconsciente coletivo, como motivos mitológicos, por exemplo. Neste caso, seriam *as imagens arquetípicas*.

As teorias formuladas por Jung sempre apresentam um aspecto dual, ou seja, um conceito que terá sempre contido nele próprio, o seu oposto. Tanto na fase inicial de Ismael, quanto na dita surrealista, pude perceber esta dualidade, principalmente em seus auto-retratos. Sua aparência sempre longilínea, nariz fino e olhar lânguido, por vezes não permite a quem vê, sem que se saiba o título da obra, reconhecer tratar-se de um homem ou de uma mulher.

Em seu “Auto-retrato” (fig.5), sua imagem se confunde com alguma melindrosa de cabelos pretos, cortados em “chanel” e de olhar profundo, quase inquisidor. A figura da melindrosa nos anos 20, representava toda a sensualidade da mulher moderna, mas que necessitava de cuidado e atenção. A figura não permite perceber claramente o corpo. Esta forma de construir a imagem esconde as características que poderiam atribuir o sexo de quem estava sendo retratado.

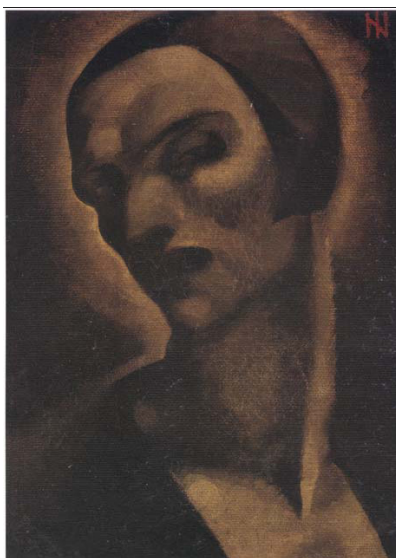


Fig. 6 - Auto-retrato, s.d.

Segundo Jung a *anima* e o *animus* são arquétipos e podem se manifestar por meio de símbolos. Os arquétipos são características internas da psique e se manifestam por meio de imagens arquetípicas, por meio dos símbolos ou dos sonhos. A *anima* - características femininas do homem - e o *animus* - características masculinas na mulher - são formados a partir do referencial que o homem ou a mulher têm do que seja o sexo oposto. A *anima* seria, então, o arquétipo do feminino.

O homem constrói a sua anima ao longo de sua vida. O primeiro aspecto da *anima* será formado pela imagem da mãe, que aos olhos do filho parecerá “dotada de algo mágico”. Mais tarde a *anima* será transferida para ídolos juvenis ou para a mulher com quem este homem se relacionará amorosamente. Segundo Jung, a *anima* possui todas as características que faltam às atitudes conscientes. Quanto mais forte sua atitude externa, quanto mais este sujeito se mostra masculino, mais ele poderá apresentar inconscientemente, características suaves e maleáveis. Ela funciona como algo complementar ao caráter externo.

Como a *anima* não se manifesta de forma consciente, ela pode aparecer na forma de sonhos, de contos de fadas, nos mitos, nas produções artísticas. Pode surgir sob diversas formas: sereia, feiticeira deusa, mulher.

No caso dos auto-retratos de Nery, este domínio da *anima* é bastante perceptível, uma vez que suas próprias características pessoais são bastante próximas de características tidas como femininas, tais como traços finos e delicados. Além das características físicas já citadas acima, as posições de mãos e de rosto, bastante incomuns aos homens da época, mostram-nos como a sua sensibilidade o levava a trabalhar criativamente esta questão. Este modo com que sua *anima* se manifesta, mostra que o artista possuía uma boa relação com a sua “porção feminina”.

Mas a forma como Ismael trabalha os elementos poéticos de sua obra, figura em uma transparência quase transcendental do inconsciente, o que faz acentuar ainda mais as suas características ambíguas.

Conclusão

Ismael Nery, como busquei mostrar ao longo deste trabalho, foi um artista de grande importância no cenário artístico nacional, embora seu reconhecimento tenha se dado de forma tardia. Apenas no final da década de 30, as atenções se voltaram para este artista que não se reconhecia como tal. Dizia que sua produção era a poesia e não a pintura.

Suas obras apresentem características do movimento surrealista, tendo como uma de suas principais influências seu amigo Marc Chagall. Neste estudo, sua produção foi analisada sobre o viés da Psicologia Analítica e como ficou constatado, no decorrer deste trabalho, é possível verificar em suas obras diversas dinâmicas levantadas por Jung acerca da sua teoria sobre a psique.

Ismael foi, portanto um artista que pode ser admirado e analisado a partir de sua obra, tão autobiográfica. Seus poemas e suas pinturas falam muito a respeito do artista que as criou, pois ele, de algum modo, colocava-se dentro delas.

Durante sua vida, Nery buscou se conhecer mais do que a qualquer outra coisa. Buscou vários de seus símbolos na religião, mas respeitou sua essência antes de tudo.

Este trabalho, apesar de não se tratar de estudo de caso ou relato de experiência, procura elucidar alguns pontos a respeito do olhar arteterapêutico, acerca de como é importante que o terapeuta conheça e identifique os símbolos usados por seu cliente e como estes podem se manifestar. Mais do que ninguém, o arteterapeuta é aquele que vê na imagem, o sujeito.

Referências

- MATTAR, D. *Ismael Nery*. São Paulo: Pactual, 2004.
- MENDES, M. *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Edusp, 1996.
- JUNG, C. G. et al. *O homem e seus símbolos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1971.
- SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- STEIN, MURRAY. *Jung: o mapa da alma*. São Paulo, Cultrix, 2006.

ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

6 - BIBLIOGRAFIA ATUALIZADA DE ARTETERAPIA NO BRASIL

Ana Cláudia Afonso Valladares¹⁸

Resumo: Este trabalho procura atualizar os leitores quanto à publicação sobre Arteterapia no Brasil.

Palavras-chave: Arteterapia; Ensino; Bibliografia.

Up-to-date Art therapy's bibliography in Brazil

Abstract: This work searches to update the readers regarding the publication about Art therapy in Brazil.

Key words: Art Therapy; Teaching; Bibliography.

Bibliografía actualizada de Arteterapia en Brasil

Resumen: Este trabajo busca actualizar a los lectores en cuanto a la publicación sobre Arteterapia en Brasil.

Palabras clave: Arteterapia; Enseñanza; Bibliografía.

A - LIVROS de Arteterapia publicados no Brasil:

A.1) ALLESSANDRINI, C. D. *Análise microgenética da oficina criativa: projeto de modelagem em argila*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Arteterapia).

A.2) _____. *A vida de uma grande garota: Luciana Chéde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. (Coleção Arteterapia).

A.3) _____. *Oficina criativa e psicopedagogia*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

A.4) _____. (Org.). *Tramas criadoras na construção de "ser si mesmo"*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

A.5) ANDRADE, L. Q. *Terapias expressivas*. São Paulo: Vetor, 2000.

A.6) ARAUJO, M. M.; SANTOS, R. B. *Arteterapia transpessoal*. Recife: Comunigraf, 2010.

A.7) ARCURI, I. G. *Arteterapia e o corpo secreto: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal*. São Paulo: Vetor, 2006.

A.8) _____. *Memória corporal: o simbolismo do corpo na trajetória da vida*. São Paulo: Vetor, 2004.

A.9) ARCURI, I. G. (Org.) *Arteterapia de corpo & alma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

A.10) _____. *Arteterapia: um novo campo do conhecimento*. São Paulo: Vetor, 2006.

A.11) ARCURI, I. G.; DIBO, M. *Arteterapia e mandalas: uma abordagem junguiana*. São Paulo: Vetor, 2010.

A.12) AARJ. *Estudos em Arteterapia: diferentes olhares sobre a arte*. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

¹⁸ Arteterapeuta e Enfermeira Psiquiátrica. Prof^a Dr^a da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Membro do Conselho Diretor da Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA) e da União Brasileira das Associações de Arteterapia (UBAAT). Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida (GO) Trabalha há 17 anos com Arteterapia na Saúde, desenvolvendo projetos de ensino, pesquisa e extensão na área. E-mail: aclaudiaval@terra.com.br

- A.13) BELLO, S. ***Pintando sua alma: método de desenvolvimento da personalidade criativa***. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2004.
- A.14) BERNARDO, P. P. ***A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos***. São Paulo: Editora da Autora, 2008. Vol. 1 – Temas Centrais em Arteterapia.
- A.15) _____. ***A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: mitologia indígena e Arteterapia, a arte de trilhar a roda da vida***. São Paulo: Ed. do autor, 2009. Vol.2.
- A.16) _____. ***A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: mitologia africana e Arteterapia, a força dos elementos em nossa vida***. São Paulo: Ed. do autor, 2009. Vol.3.
- A.17) _____. ***A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: Arteterapia e mitologia Criativa: orquestrando limiares***. São Paulo: Ed. do autor, 2010. Vol.4.
- A.18) _____. ***A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: A alquimia nos contos e mitos e a Arteterapia: criatividade, transformação e individuação***. São Paulo: Editora do autor, 2010. Vol.5.
- A.19) BLAUTH, L.; WOSIACK, R. M. R. (Orgs.). ***Arte e psicologia: intervenções possíveis***. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2007.
- A.20) BLAUTH, L.; WOSIACK, R. M. R. (Orgs.). ***Terapias expressivas ou Arteterapia: vivências por meio da arte***. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2006.
- A.21) BRANCO, S. ***Deuses e fadas: Arteterapia e arquétipos no dia-a-dia***. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.22) BROWN, D. ***Fundamentos de Arteterapia***. São Paulo: Vitória Régia, 2000.
- A.23) CARNEIRO, C. ***Arte, Neurociência e transcendência***. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.24) CARVALHO, M. M. M. J. (Org.). ***A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia***. São Paulo: Livro Pleno, 2004.
- A.25) CHIESA, R. F. ***O diálogo com o barro: o encontro com o criativo***. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- A.26) CHRISTO, E. C.; SILVA, G. M. D. ***Criatividade em Arteterapia: pintando & desenhando, recortando, colando & dobrando***. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.27) CIORNAL, S. ***Da contracultura à menopausa***. São Paulo: Oficina de Textos, 1999.
- A.28) _____. ***Percursos em Arteterapia: Arteterapia e educação, Arteterapia e saúde***. São Paulo: Summus, 2005. Vol. 64. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.29) _____. ***Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia***. São Paulo: Summus, 2004. Vol. 62. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.30) _____. ***Percursos em Arteterapia: ateliê terapêutico, Arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, Arteterapia e história da arte***. São Paulo: Summus, 2004. Vol. 63. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.31) COLAGRANDE, C. ***Arteterapia na prática: diálogos com a arte-educação***. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.32) COSTA, R. X. (Org.). ***Arteterapia & educação inclusiva: diálogo multidisciplinar***. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.33) COUTINHO, V. ***Arteterapia com crianças***. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.34) _____. ***Arteterapia com idosos: ensaios e relatos***. Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.35) DINIZ, L. (Org.). ***Mitos e arquétipos na Arteterapia: os rituais para se alcançar o inconsciente***. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

- A.36) GAETA, I. **Psicoterapia Junguiana novos caminhos na clínica: o uso do desenho de mandalas e calatonia**. São Paulo: Vetor, 2010.
- A.37) GIORDANO, A. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas, 2007.
- A.38) GOLINELI, R.; SANTOS, W. A. S. **Arteterapia na educação especial**. Goiânia: Editora do Autor, 2002.
- A.39) GUIMARÃES, G. N. (Org.). **Arteterapia e educação: a arte de tecer afetos e cuidados**. Porto Alegre: Laços, 2009.
- A.40) FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- A.41) FINIMUNDI, M. R. L. **Arteterapia: educação e saúde**. Caxias do Sul, RS: Editora da Autora, 2008.
- A.42) FORTUNA, S. M. C. B. **Doença de Alzheimer, qualidade de vida e terapias expressivas**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2005.
- A.43) FRANCISQUETTI, A. A. (Coord.). **Arte Medicina**. São Paulo: Médica Paulista, 2005.
- A.44) HAUSCHKA, M. **Contribuições para uma atuação terapêutica**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003. (Coleção Terapia Artística).
- A.45) _____. **Natureza e tarefa da pintura terapêutica**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003. (Coleção Terapia Artística).
- A.46) KIYAN, A. M. M.; BONANTE, R. (Org.) **Arte como espelho: experimentos em arte-terapia gestáltica**. São Paulo: Altana, 2006.
- A.47) MEDEIROS, A.; BRANCO, S. **Contos de fada: vivências e técnicas em Arteterapia**. Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.48) MELO, P. F. B. C.; DIAS, R. C.; FREIRE, W. **Medicina humanizada com arte**. Recife: EDUPE, 2010.
- A.49) MONTEIRO, D. M. R. et al. **Arteterapia: arquétipos e símbolos**. Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.50) OLIVIER, L. **Psicopedagogia e Arteterapia: teoria e prática na aplicação em clínicas e escolas**. Rio de Janeiro: WAK, 2007.
- A.51) ORMEZZANO, G. **Educação estética, imaginário e Arteterapia**. Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.52) ORMEZZANO, G. (Org.). **Educar com Arteterapia: propostas e desafios**. Rio de Janeiro: WAK, 2011.
- A.53) _____. **Questões de Arteterapia**. 2.ed. Passo Fundo, RS: UPF, 2005.
- A.54) PAIN, S.; JARREAU, G. I. **Teoria e técnica da Arte-terapia: a compreensão do sujeito**. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- A.55) PAIN, S. **Os fundamentos da Arteterapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- A.56) PHILIPPINI, A. **Grupos em Arteterapia: redes criativas para colorir vidas**. Rio de Janeiro: WAK, 2011.
- A.57) _____. **Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.58) _____. **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.59) _____. **Reencantamentos para libertar histórias**. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.60) PHILIPPINI, A. (Org.) **Arteterapia em revista**. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

- A.61) _____. **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. Rio de Janeiro: WAK, 2007.
- A.62) REISIN, A. **Arteterapia: semânticas e morfologias**. São Paulo: Vetor, 2006.
- A.63) RHYNE, J. **Arte e gestalt: padrões que convergem**. São Paulo: Summus, 2000.
- A.64) RILEY, S. **Arteterapia para famílias**. São Paulo, Summus, 1998.
- A.65) ROCHA, D. L. C. **Brincando com a criatividade: contribuições teóricas e práticas na Arteterapia e na educação**. Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.66) SANTA CATARINA, M. **Mandala: o uso na Arteterapia**. Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.67) SANTOS, D. P. **Psicopedagogia dos fantoches: o jogo de imaginar, construir e narrar**. São Paulo: Vetor, 2006.
- A.68) SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise**. São Paulo: Zagadoni, 2011.
- A.69) SEI, M. B.; GONÇALVES, T. F. (Orgs.). **Arteterapia com grupos: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- A.70) SILVA, L. P. B. (Org.) **Bruxas e fadas, sapos e príncipes: os contos de fadas em experiências arteterapêuticas**. Rio de Janeiro: WAK, 2006.
- A.71) SIMÕES, M. **Intervenções Clínicas: Ação integrada com a Fonoaudiologia, a Psicopedagogia, a Arteterapia, a Psicanálise e outros saberes**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.72) SPERLING, R. **Arteterapia e Relacionamento Intergeracional**. São Paulo: Sperling Studium, 2010.
- A.73) SOUZA, O. R. **Longevidade com criatividade: Arteterapia com idosos**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2005.
- A.74) TOMMASI, S. M. B. **Arte-terapia e loucura: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos**. São Paulo: Vetor, 2005.
- A.75) TOMMASI, S. M. B. (Org.). **Revisando a ética com múltiplos olhares**. São Paulo: Vetor, 2005.
- A.76) TOMMASI, S.; MINUZZO, L. **Origami em Educação e Arteterapia**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- A.77) TOMMASI, S.; ORMEZZANO, G. (Orgs.). **Envelhecendo com sabedoria**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- A.78) URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: WAK, 2003.
- A.79) _____. **Interpretando imagens: transformando emoção**. Rio de Janeiro: WAK, 2006.
- A.80) VALLADARES, A. C. A. **A Arteterapia humanizando os espaços de saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- A.81) VALLADARES, A. C. A. (Org.) **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004.
- A.82) VICTORIO, M. **Impressões sonoras: música em Arteterapia**. Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.83) WOSIACK, R. M. R. **Intervenções expressivas no contexto terapêutico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2010.

B - REVISTAS de Arteterapia publicadas no Brasil:

- B.1) **Revista de Arteterapia: Imagens da transformação**. Rio de Janeiro, Clínica Pomar. Volumes de 1 a 14 (1994-2010).

B.2) **Revista Arte-Terapia: Reflexões**. São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae. Volumes de 1 a 8 (1995-2010).

B.3) **Arteterapia em Revista**. Porto Alegre, Centrarte. Volume 1 e 2 (2005).

B.4) **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida** [On-line]. Goiânia, Associação Brasil Central de Arteterapia. Volumes de 1 a 12 (2005-2011), disponível gratuitamente pelo site:

<http://www.brasilcentralArteterapia.org> ou solicitar pelos e-mail: aclaudiaval@terra.com.br ou arteterapia.goias@gmail.com

B.5) **Revista de Arteterapia da AATESP** [On-line]. São Paulo, Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Volume 1 (2010), disponível gratuitamente pelo site:

<http://www.aatesp.com.br/material/RevistaArteterapiaAATESPv1n1-2010.pdf>

C – ANAIS de Arteterapia publicadas pela ABCA:

C.1) Anais do IV Congresso Brasileiro de Arteterapia e II Fórum Goiano de Arte, Educação e Saúde: **"A arte como interface na educação e saúde humana"** (2000). 70p.

C.2) Anais da I Jornada Goiana de Arteterapia: **"Arte como expressão de sentimentos e emoções"** (2001). 41p.

C.3) Anais da II Jornada Goiana de Arteterapia: **"Arteterapia cores da vida"** (2008). 168p.

C.4) Anais do III Fórum Goiano de Arte, Educação e Saúde: **"Arteterapia humanizando espaços de saúde"** (2008). 54p.

C.5) Anais da I Jornada Brasileira de Arteterapia, IX Fórum Brasileiro de Arteterapia e IV Fórum Goiano de Arteterapia: **"Arteterapia, Musicoterapia e desenvolvimento humano"** (2009).

C.6) Anais da IV Jornada Goiana de Arteterapia: **"Arte, criatividade e cuidar em saúde mental"** (2010). 643p.

C.7) Anais da I Mostra Científica de **"Arteterapia & Drogadição"** (2010). 132p.

C.8) Anais da IV Jornada Goiana de Arteterapia: **Arteterapia no cuidar e na reabilitação de drogadicotos (álcool e outras drogas)"** (2011).

D – CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE publicadas pela ABCA:

D.1) Catálogo da Exposição Coletiva Regional de Arte realizada no III Fórum Goiano de Arte, Educação e Saúde: **"A imagem das emoções"** (2008).

D.2) Catálogo da Exposição Individual Regional de Arte realizada no III Fórum Goiano de Arte, Educação e Saúde: **"Arteterapia humanizando espaços de saúde"** (2008).

D.3) Catálogo da Exposição Coletiva Nacional de Arte realizada na I Jornada Brasileira de Arteterapia, IX Fórum Brasileiro de Arteterapia e IV Fórum Goiano de Arteterapia: **"Arteterapia, Musicoterapia e desenvolvimento humano"** (2009).

D.4) Catálogo da Exposição Coletiva Nacional de Arte realizada na IV Jornada Goiana de Arteterapia: **"Arte, criatividade e cuidar em saúde mental"** (2010).

D.5) Catálogo da Exposição Coletiva Local de Artes plásticas realizada na V Jornada Goiana de Arteterapia: **"Arteterapia no cuidar e na reabilitação de drogadicotos (álcool e outras drogas)"** (2011).